



De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

Análise dos projetos e obras.

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

Trabalho teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em
Arquitectura.

Orientador: Doutora Soraya Genin, ISCTE-IUL

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

Índice

Resumo	7
Abstract	8
Agradecimentos	9
Índice de abreviaturas.....	10
1. Introdução	11
2. Estado da Arte	12
3. Enquadramento Urbano.....	15
4. De hospício a convento	20
4.1. A Ordem Teatina e fundação do hospício	20
4.2. O projeto de Guarino Guarini.....	22
4.3. O Convento dos Caetanos	26
5. De Convento a Escola	36
5.1. Extinção das ordens religiosas. Alteração dos limites da propriedade	36
5.2. O Conservatório Geral de Arte Dramática	42
5.3. O Salão Nobre.....	49
5.4. O Conservatório Nacional. Início das grandes obras.....	53
5.5. O projeto de Raúl Tojal. Últimas obras.	62
6. Estado actual	66
7. Análise comparativa	70
8. Conclusão	78

9.	Bibliografia.....	80
10.	Anexos	83
10.2.	Anexo A	Erro! Marcador não definido.
10.3.	Anexo B.....	85
10.4.	Anexos C	87
10.5.	Anexos D.....	91
10.6.	Anexos E	97

"O Conservatório não dá talento. Já é norma velha esta afirmação. Conservatório, dizem os rebeldes, os avançados, os futuristas, que o nome indica logo a ideia de conservador. Achamos que se as escolas não dão inteligência também não a tiram, antes a educam, e vale mais um actor instruído do que ignorante." - *Autor desconhecido*

Resumo

O presente trabalho consiste na análise da evolução construtiva do edifício do Conservatório Nacional de Lisboa, desde a sua origem no século XVII.

Existe alguma bibliografia sobre o assunto, sobretudo relativa ao período compreendido entre os séculos XVII e XIX, correspondente à ocupação dos Caetanos, e ao início do Conservatório Nacional. No entanto não encontramos nenhum estudo sobre as diversas alterações ocorridas no edifício.

É explicada a evolução construtiva de forma cronológica, desde a sua fundação como hospício em 1653 à sua transformação em Convento pelos Caetanos em 1681, as obras realizadas antes e após o terramoto de 1755 e por fim a transição para Conservatório em 1837 e as últimas obras executadas até hoje.

A análise tem por base a leitura bibliográfica e a pesquisa documental, sobretudo da interpretação dos desenhos encontrados nos arquivos da ANTT e na BNP. Recorrendo a sobreposições e comparações das diversas plantas consegue-se definir a evolução construtiva do edifício.

A pesquisa de documentação em arquivos revelou a existência de diversos projetos nunca executados, nomeadamente uma igreja de Guarino Guarini em 1650. Toda a documentação encontrada é apresentada no trabalho, sendo devidamente legendadas em anexo, pela riqueza de informação que contêm.

É possível concluir que este edifício sofreu grandes alterações, não só decorrentes da alteração da sua função, para responder a novas necessidades dos ocupantes, mas também devido a alterações urbanas. Os limites do convento foram alterados no período compreendido entre o Séc.XVIII e XIX, em que o edifício é cortado pela Rua João Pereira da Rosa.

Abstract

The work presented herewith is based on the analysis of the construction evolution of the building housing the National Conservatory of Lisbon, since its beginnings in the XVII century.

There are historical records on the subject, mainly relating to the period between the XVII and XIX centuries, corresponding to the time of occupation by the Caetanos, and the inception of the National Conservatory. However, no studies on the various alterations to the building have been found.

The construction evolution is related chronologically, since its inception as a hospice in 1653, to its transformation into a Convent by the Caetanos in 1681, the work undertaken before and after the earthquake of 1755 and, finally, its transition into a Conservatory in 1837 as well as the latter projects undertaken to the present day.

This analysis is based on bibliographical texts and documentary research, mainly of the drawings found in the archives of the ANTT and BNP. Using superposition and comparisons of the various plans we are able to define the construction evolution of the edifice.

Research into archived documentation revealed the existence of various projects never carried out, notably a project by Guarino Guarini dated 1650. All documentation found is submitted in this report, duly annotated with bibliographical identification, for the wealth of information it provides.

We can reach the conclusion that this building suffered major alterations, not only deriving from changes in its function, functions which adapted to the ever changing needs of its occupants, but also as a result of urban development. The boundaries of the convent were altered between the XVIII and XIX centuries when the building was cut across by the Joao Pereira da Rosa Street.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço ao professor José Neves, à professora Soraya Genin pela sua orientação e à arquitecta Hélia Silva que se disponibilizou para esclarecimentos de dúvidas e teorias no desenvolvimento do trabalho.

Agradeço aos meus pais que me têm apoiado totalmente durante este percurso todo e ao nosso companheiro Casper.

Aos meus amigos de casa que me apoiaram e estiveram sempre prontos para me darem forças quando mais precisava.

Ao grupo das meninas da Lusíada, Tânia a minha companheira da ruindade, à Daniela super querida, a Catarina por tantas directas no "espaço" e discussões de projecto com a mesma opinião, à Sophia que transpareceu uma sensação de que tudo era tão simples e para descobrirmos e à Patricia que sempre nos acompanhou.

A outro grupo da Lusíada muito querido também, à Sasa e à Margarida especialmente no final do curso com o seu grande apoio e ao Rogério com as suas explicações.

E claro ao Zé que me acompanhou desde da Lusíad e à Sara com o seu apoio e companheirismo, obrigado também ao João Borges que também me poio neste percurso final.

Índice de abreviaturas

BNP - Biblioteca Nacional de Portugal

ANTT - Arquivo Nacional Torre do Tombo

SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

AML - Arquivo Municipal de Lisboa

GEO - Gabinete de Estudos Olisiponenses

1. Introdução

O tema realizado no âmbito da cadeira de Projecto de Arquitectura do 5º Ano, consistiu em Reabilitar o edifício do Conservatório Nacional de Lisboa, situado na Rua dos Caetanos no Bairro Alto, com o objectivo de melhorar as suas características funcionais e de habitabilidade, enquanto escola, dado o seu avançado estado de degradação.

Após uma análise ao edifício, por parte de um grupo de alunos do ISCTE, com o objectivo de obter um conhecimento geral sobre a história e evolução do edifício do Conservatório Nacional, levantaram-se mais questões relativas à evolução construtiva do edifício, que exigem um tratamento mais detalhado. As questões abordam a sua fundação, as alterações a que foi sujeito e o porquê da actual função como instituição de ensino de música. Estas questões transformam-se assim em objectivos da presente investigação, que tentaremos responder ao longo deste trabalho.

O trabalho que propomos realizar procura, em primeiro lugar, criar uma breve contextualização da história deste lugar, dos factos que levaram à sua fundação, e dos seus primeiros ocupantes, entre outros. Pretende-se analisar a fundação do edifício, as suas várias fases de construção bem como as suas ocupações. Pretende-se também perceber o que hoje resta da construção original.

A metodologia utilizada tem por base a leitura bibliográfica, a pesquisa de documentos em arquivos e a observação direta do edifício. A recolha de informação possibilitou uma leitura e interpretação mais clara e detalhada dos desenhos encontrados. Foi elaborada uma tabela de Excel para organizar cronologicamente os dados bibliográficos recolhidos. Foi também realizada uma segunda tabela de Excel para organizar também os documentos gráficos e fotográficos recolhidos, desenhos, gravuras e fotografias. Os dados destas duas tabelas foram comparados e permitindo formular interpretações com bases documentais.

2. Estado da Arte

Como enquadramento primário deste estudo é importante referir que a primeira bibliografia encontrada sobre o Convento dos Caetanos data de 1686, a obra *Disegni d'architettura civile ed ecclesiastica*, que inclui uma planta e um alçado de uma igreja intitulada como Santa Maria da Divina Providência dedicada ao Padre D. Antonio Ardizzone Spinole de Guarino Guarini.

No *Mappa de Portugal antigo e moderno* livro existente na Biblioteca Nacional de Portugal, é descrito o início da fundação do Convento dos Caetanos, assim como da sua Igreja.

Em *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* foi realizado um estudo entre 1704-1708 sobre a fundação do Convento dos Caetanos em Lisboa. Este estudo repete-se em 1846 na obra *Memoria historica sobre a fundação do hospicio da invocação de N.a S.a da Divina Providência, o qual pertenceo aos clerigos regulares Thietinos actualmente Conservatorio Real de Lisboa* em que acrescenta ainda, a fundação do Conservatório Real no antigo Convento dos Caetanos.

Quanto à história do Convento, Luiz Gonzaga Pereira refere o início da Ordem Religiosa Teatina, a fundação da sua casa em Lisboa até à sua expulsão. Quanto à sua nova ocupação, apenas refere por quem foi ocupado e nada mais sobre isso.

Na obra de Norberto de Araújo *Peregrinações em Lisboa* em 1939-1940, está descrita já a criação de um novo Salão de Actos para o Conservatório, da demolição da igreja do antigo convento e de uma intervenção de Júlio Dantas neste edifício.

No ANTT encontram-se plantas do Convento dos Caetanos, seus cortes e alçados assim como plantas do edifício já como Conservatório Real. Na BNP também são encontradas plantas entre outros tipos de desenhos, referentes ao edifício em questão. Nesta Biblioteca, existem, também, obras como a de Ayres de Carvalho *Catálogo da Colecção de Desenhos* de 1977 onde se descrevem alguns desenhos do Convento dos Caetanos.

O *Dicionário da Arte Barroca em Portugal* por José Fernandes Pereira, Paulo Pereira em 1989, afirmam que a igreja desenhada por Guarini de facto nunca foi realizada e formulam uma teoria quanto a esta pertencer ao plano geral do Convento também desenhado por Guarini, visto nesse plano a Igreja se encontrar cortada.

Ainda é referido em *As obras de Santa Engrácia e os seus Artistas* de 1971 de Ayres de Carvalho um breve parágrafo sobre o suposto autor de uma nova planta do Convento dos Caetanos.

Paulo Varela Gomes na publicação *Penélope - Fazer e desfazer a história* de 1993, refere-se mais uma vez, como em obras anteriores aqui mencionadas, sobre a fundação do Convento dos Caetanos. Contudo, este centra-se principalmente na análise da planta de Guilherme Paes de Menezes. Este publica duas décadas depois na revista *ARTIS - Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa de 2003*, a descrição do interior da nova Igreja do Convento dos Caetanos que se encontrava em construção em 1748, e que, após o terramoto de 1755, foi desmanchado o pouco que havia dela erguido.

O SIPA tem catalogadas cronologicamente, as informações dos acontecimentos do Convento dos Caetanos até à actualidade já como Conservatório Nacional, a descrição da fachada do Conservatório Nacional bem como o Salão Nobre. Aqui ainda é possível encontrar uma carta de risco realizada em 2003 que relata o estado de degradação do Conservatório Nacional.

Maria José Borges escreve uma breve notícia histórica do conservatório na *Meloteca* explicando a formação do Conservatório Nacional com acontecimentos relevantes para o edifício.

Está a ser desenvolvido um estudo no âmbito do projecto Lx Conventos: "Da cidade sacra à cidade laica. A extinção das ordens religiosas e as dinâmicas de transformação urbana na Lisboa do século XIX.", pelo Instituto de História de Arte, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa.

Encontram-se na BNP desenhos (Anexo E) intitulados na capa "Plantas e desenhos para uma igreja. Parece ser dos Padres Theatinos. Planta do jardim que está no sítio do Convento da Divina Providência. Original.-Vê-se n'algumas folhas a assignatura «Castro» com a data 1656. Outras são

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

assignados por «João Nunes Tinoco». No verso da fl. 10 uma nota dirigida ao Padre D.Antonio, talvez ao Padre D.Antonio Ardizzone (?).- I vol. In-fol. De II fl., encad. (A. 6-42)"

3. Enquadramento Urbano

Proveniente do aforamento de vários terrenos a oeste da muralha Fernandina da cidade de Lisboa, em 1437, nasce assim, fora dos limites da mesma, a área que vem dar origem ao Bairro Alto, Cais do Sodré e Rua do Alecrim.¹

A extensão da cidade para esta zona acabou então por ser organizada segundo uma malha ortogonal, a mando do Rei D.Manuel que tentava na altura desenvolver a cidade e favorecer a nobreza, criando regras para o efeito. Este traçado ortogonal já tinha sido anteriormente ensaiado em Vila Nova da Oliveira, na cerca do Convento da Trindade. As ruas ainda nos dias de hoje contêm das réstias as características de quando foram realizadas as divisões das propriedades em talhões e hortas, outro factor para a aplicação da malha ortogonal, originando assim nomes de ruas com origem rural, como a Rua das Chagas Velhas, da Horta Seca, das Flores, da Vinha, do Loureiro...

Devido ao elevado crescimento demográfico verificado na época, bem como à falta de praças ou largos estruturadores da malha urbana, dá-se a construção da Vila Nova de Andrade, hoje em dia o Bairro Alto, numa grande operação urbanística. Nasce assim o mote para as várias praças e largos que hoje em dia conhecemos como, o Largo de Camões, o primeiro a surgir já no século XIX, resultando da demolição de todo o quarteirão que era ocupado pelo Palácio dos Marialvas, o Largo de São Roque nasce da compra de chãos pela Companhia de Jesus, assim como o Largo Barão Quintela surge na sequência da grande intervenção pombalina na cidade.

Já desde os primeiros anos do séc. XVI que existia fora das muralhas e junto ao rio, um pequeno aglomerado urbano constituído por duas ruas de casas que se davam pelo nome de Cata-que-Farás. Entre esta rua Cata-que-Farás e as muralhas às portas de Santa Catarina, desenvolveu-se a Vila Nova de Andrade que imediatamente se expandiu em 1513. Era notório e natural que os limites da

¹ Carita, H. (1994). Bairro Alto Tipologias e Modos Arquitectónicos. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Vila não se afastassem muito da Estrada de Santos nem ultrapassassem o Alto de S. Roque, visto ter sido polarizada às Portas de Santa Catarina. É devido ao seu rápido crescimento demográfico que esta Vila ganhou novos sentidos como a poente e a norte, já que lá se encontravam terrenos a urbanizar. Foi efectivamente entre 1528-1551 que este crescimento se multiplicou vinte vezes. A Estrada de Santos vai dividir duas malhas urbanísticas diferentes remetentes a épocas diferentes, tendo que a malha urbana localizada a sul se alterou depois do Terramoto de 1755.

É visível na panorâmica de Lisboa a zona da Rua Formosa (Rua do Século), perpendicular à Estrada de Santos, ser constituída por quintas e hortas de maior área segundo dados do *Sumário* e segundo Baltazar Teles.

Em 1551, aquando a chegada dos Jesuítas, o Alto de S. Roque veio rapidamente a ser alterado, pois as oliveiras existentes na época ao seu redor rapidamente foram substituídas por casas, vindo, mais uma vez, a alterar o percurso do crescimento da Vila Nova de Andrade. Esta seguia o eixo da Estrada de Santos numa primeira fase, partindo das Portas de Santa Catarina. Instalados os Jesuítas no Alto de S. Roque em 1553, serão estes a constituir-se como forte centro de gravidade que originará uma nova identidade ou seja, o Bairro Alto de S. Roque.

Apresentando-se este como um centro de difusão de novas culturas e comportamentos, a zona ocupada pelos Jesuítas veio a destacar-se das restantes. Assim numa comparação entre as duas zonas, à medida que a Vila Nova de Andrade se via culturalmente superada pela inovação e pela novidade proveniente do Bairro Alto de S. Roque, esta começou a descaracterizar-se bem como, lentamente, deixou de dar o seu nome à zona.

No início do século XVI as portas de Santa Catarina deixam progressivamente de funcionar como um conjunto ao eixo da Estrada dos Santos, o que vem a resultar a favor da Igreja das Chagas que vem a atribuir o seu nome ao Bairro das Chagas. Assim a Estrada dos Santos passa a dividir a zona da Vila Nova de Andrade - Chagas da zona do Bairro Alto de S. Roque.

Os Jesuítas tiveram um papel fundamental junto da educação da jovem aristocracia, factor determinante para a divulgação de uma arquitectura racionalista com linhas maneiristas sólidas e

depuradas. O rigor, a irrepreensível erudição, cultura e conhecimento, adaptaram-se positivamente com os pressupostos da Vila Nova de Andrade aquando do seu início.

A tentativa de adaptação da nova malha aos terrenos pré-existentes estabeleceram uma melhor abertura do Bairro ao Alto de S. Roque, e as suas ruas permanecem com a mesma orientação do rio norte/sul mantendo esta regra até ao período pombalino. Entre a Rua da Rosa e a Rua Formosa encontravam-se terrenos que caracterizavam esta zona, voltada a poente e com um declive considerável com um ambiente mais rural constituído por quintais, hortas e casas. E notório foi o alento que a segunda fase da urbanização ganhou com a nobreza a mandar erigir grandes casas neste bairro, adaptando-se aos quarteirões sem quebrar a malha urbana. Todos queriam desfrutar deste novo bairro. O bairro vai-se situar nas zonas mais afastadas como a Rua Formosa e Cotovia, onde se situa o Convento dos Caetanos e a quinta dos Condes de Soure, mesmo nos limites da cidade.

D.Filipe II nos finais do Séc.XVI introduz um elemento importantíssimo, o coche, que contribui significativamente para o alargamento das ruas de malha ortogonal, já que se torna rapidamente num meio de transporte importante.

O Terramoto de 1 de Novembro de 1755 apesar de ter sido catastrófico, não afectou em grande escala o Bairro Alto, devido à boa construção dos edifícios, com paredes grossas e de baixa altura. Estes factores contribuíram para o relativo bom estado em que o bairro se encontrou após este abalo sobre a cidade, não se podendo dizer o mesmo do Bairro das Chagas que foi completamente destruído. Os edifícios religiosos, conjuntos arquitectónicos e palácios também foram poupados apresentando no entanto fissuras e zonas destruídas, necessitando somente de intervenção de restauro e renovação.

Apesar das obras do pombalino este bairro não vai alterar quase nada, mesmo com grandes obras a decorrer na cidade, tendo em conta o bom estado em que o bairro se encontra, as Ruas da Misericórdia, Formosa (actual Rua do Século onde o Marquês tinha a sua residência) e Camões, vão redefinir as novas relações entre o Bairro Alto e a Cidade pelo alargamento das suas ruas. Grandes

obras foram realizadas na Rua Formosa, como as duas meias-laranjas como muros de suporte, e, na Calçada dos Caetanos todo um conjunto de elementos urbanos monumentais. Assim a ligação entre estes dois espaços urbanos revela a atenção cuidada que houve na integração do Bairro Alto com a cidade.

Não perdendo o rigor da malha urbana ortogonal os edifícios são reconstruídos com maiores dimensões. Esta reconstrução da cidade, substituindo velhos edifícios arruinados, prolonga-se até à primeira metade do Séc. XIX. A tradição das linhas maneirista do desenho das fachadas adaptava-se perfeitamente aos princípios pombalinos.

Contudo, esta época, marcada pela reabilitação pombalina, marcou o declínio do Bairro Alto enquanto zona aristocrática, A aristocracia após o terramoto mudou-se para as suas casas e quintas de verão nos arredores, levando as casas da cidade ao abandono e à ruína.

Com o passar do tempo, e o impacto do terramoto esquecido, o Bairro Alto encontrou-se desactualizado com o seu estilo maneirista e monótono pouco convidativo a investimentos de restauro. Apesar disso os limites deste bairro ganham uma vivência burguesa independente ao seu interior. O tempo passa e o crescimento da cidade aumenta fazendo com que a sua centralidade em relação à cidade, lhe traga mais valias progressivas.

O duplo movimento realizado por Pombal no Bairro Alto apresenta controvérsias, pois mantém a integridade da malha ortogonal mas, por outro lado, as construções e alargamentos nos limites deste bairro tendem a fechá-lo tornando-o no que se pode dizer, uma ilha.

O percurso do Rato até à Cotovia preenchia-se gradualmente no Séc. XIX com palácios e casas, no seguimento desta rua, a estrada estreitava bastante passando por S. Pedro de Alcântara que continha um depósito de lixo. Foi construído o miradouro de S. Pedro de Alcântara a partir de um processo de terraplanagem num depósito de lixo ali antes existente. Miradouro este que será mais um marco de limite do Bairro Alto e vivido pela alta burguesia. Assim no final do Séc. XIX a Rua dos Moinhos de Vento é alargada com a expropriação de terrenos, o que leva esta rua adjacente ao Bairro Alto a ser ocupada por edifícios altos, ganhando um novo nome - Rua D. Pedro V.

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

Foi na zona da primeira fase de urbanização do Bairro Alto, antes chamado como Vila Nova de Andrade, na Rua dos Caetanos junto da Rua Formosa (actual Rua do Século) e de uma das meias-laranjas (muro de contenção) construídas pela intervenção do Marquês de Pombal, que se instalou em 1653 a Ordem Religiosa dos Teatinos. Fundando um Hospício ganha mais tarde licença para se converter em Convento dos Caetanos. Após a extinção das Ordens Religiosas em 1834, virá a ser ocupado em 1837 pelo actual Conservatório Nacional.

4. De hospício a convento

4.1. A Ordem Teatina e fundação do hospício

A Ordem Religiosa dos Clérigos Regulares Theatinos foi fundada a 14 de Setembro de 1524 por S. Caetano de Thiene e seus três ilustres companheiros, que renunciaram a todos os seus bens, jurando nunca mendigar. Devido à falta de recursos entregaram-se a Nossa Senhora da Divina Providência que se tornou sua padroeira, vivendo apenas da caridade voluntaria dos fieis.²

Em 1648 vindo de Goa, o Padre Antonio Ardizzone Spinola chega a Lisboa com o intuito de fundar uma casa da sua congregação, os Clérigos Regulares Teatinos. Este, depois de apresentar o seu pedido ao Rei D.João IV e de ter criado uma grande influência na corte, conseguiu obter em 1649, no ano seguinte à sua chegada, a autorização de D.João IV para fundar um Hospício em Lisboa em vez de um Convento. Isto, porque o Rei afirmava ser sua convicção serem já excessivos os conventos nesta cidade, não cedendo de imediato a licença para ser erguida a sua casa como Casa Conventual.

"Reinava El-Rei D.João IV, e sendo-lhe apresentado o referido Padre, este depois lhe pediu o seu beneplácito para fundar um Hospício para os seus Religiosos, que passavam a servir no Oriente, na pregação da Moral Evangélica. El-Rei vendo que um Instituto, tão acomodado ao bem geral (pela sua regra) e particular, que servindo só por ser útil, não recebia do comum bens de raiz, nem se

² Castro, J. B., Grandpré, C., & Ameno, F. L. (1763). Mappa de Portugal antigo e moderno. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno .

deliberava a importunar com a mendicidade a particulares, lhe concedeu o que solicitava, por Alvará de 12 de Dezembro de 1650; aprovando outro-si a Casa que já tinham em Gôa." (Sousa, 1846, p. 7)³

Descontente com o local oferecido por D.João IV para fundar o Hospício que desejava, instalaram-se primeiramente numas casas de aluguer concebidas pelo Rei onde se encontra agora a Igreja dos Mártires, na Rua das Portas de St^a. Catarina, até conseguir um novo sítio e meios para fundar o seu Hospício.

O Padre D. António pouco tempo depois, trocou a primeira localização, por um terreno com umas casas no Bairro Alto doados por fiéis que as haviam comprado às Religiosas Carmelitas Descalças de Santo Alberto a 18 de Janeiro de 1653, tomando posse deste no dia 29 de Junho do mesmo ano.

Ainda neste ano, neste terreno doado fundaram a sua casa em que tomaram posse do sítio onde iriam fundar a sua Casa que com grande ajuda financeira Dona Mariana de Noronha e Castro "No primeyro de Julho do fabredito anno começou a fabrica da Igreja, que dentro de tres mezes se poz capaz de fazer publica; & em hum Domingo 28. de Setembro do mesmo anno, a benzeo elle mesmo solemnemente, conforme os privilegios da sua sagrada Religião..." (Castro, Grandpré, & Ameno, 1763, p. 506)⁴

³ Sousa, A. D. (1846). Memória histórica sobre a fundação do hospício da invocação de N^a S^a da Divina Providência, o qual pertenceo aos clérigos regulares theatinos, actualmente Conservatório Real de Lisboa / pelo abbade A. D. de Castro e Sousa. Lisboa: Typ. da Hist. d'Hispanha.

⁴ Castro, J. B., Grandpré, C., & Ameno, F. L. (1763). Mappa de Portugal antigo e moderno. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno .

4.2. O projeto de Guarino Guarini

Guarino Guarini, arquitecto italiano, da ordem dos Clérigos Regulares de S.Caetano, por dedicação ao padre D. António Ardizzone, desenhou uma igreja para a Casa da Nossa Senhora da Divina Providência (figura 1 e 2).⁵

Esta, com estilo barroco, resultou numa planta em cruz latina, constituída por cinco cúpulas pequenas e uma sexta cúpula maior na sua intersecção, unidas pelas suas paredes ondulantes. As aberturas entre as colunas, que se podem facilmente identificar, seriam confessionários, e os espaços acima destes seriam tribunas. A Igreja projectada por Guarino Guarini, segundo a documentação existente, nunca terá sido construída.

"A igreja avança em movimento sinuoso do bloco maciço do convento, disposto atrás da capela-mor como no Escorial, com mezzanino, corredores e telhados de tipo estranho à tradição nacional. Terá sido isso, assim como problemas técnicos de execução e seu elevado custo, que fez frustrar o projecto de Guarini. O que não impediu que ele fosse divulgado (pois inspirou a cabeceira da igreja teatina de Goa, de 1656-1661, que copia S.Pedro de Roma) e tivesse mesmo influência sobre os arquitectos mais atentos da capital, como indicam desenhos de João Nunes Tinoco e as fachadas sinuosas de Santa Engrácia." (Pereira, Pereira, & Palma, 1989, p. 216) ⁶

⁵ Apud GUARINI, Guarino - *Disegni d'architettura civile ed ecclesiastica*, pp. 64, 65.

⁶ Pereira, J. F.-., Pereira, P. 1.-., & Palma, M. f. (1989). *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Presença.

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

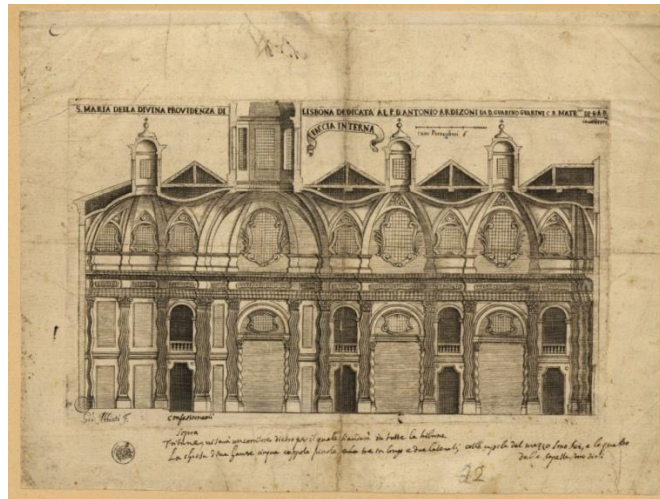


Figura 1- Fachada interior da igreja de Nossa Senhora da Divina Providência, desenhada por Guarini e dedicada ao padre D. António Ardizzone Spinola. Obra não realizada. - BNP

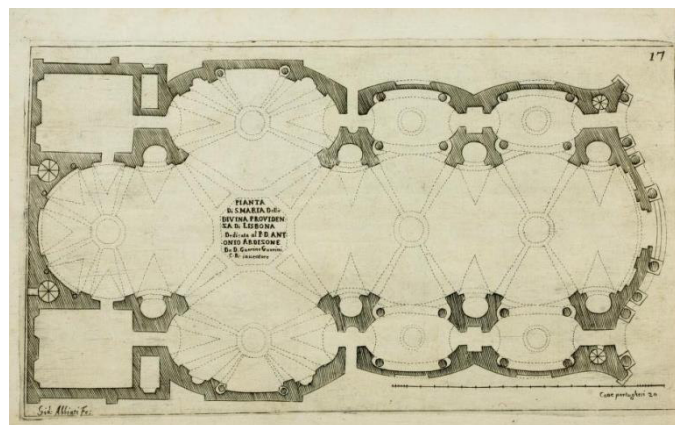


Figura 2 - Planta da igreja de Nossa Senhora da Divina Providência, desenhada por Guarini e dedicada ao padre D. António Ardizzone Spinola. Obra não realizada. - BNP

Demonstrado neste esboço (figura 3), está um plano do Convento dos Caetanos datado de 1675, que se pensa ser do plano de Guarini, como está descrito na legenda da BNP e na obra *Catálogo da Coleção de Desenhos* de Ayres de Carvalho.⁷

Este plano é constituído por corredores abobadados de pé direito elevado que percorrem os quartos, que se encontram organizados em volta do claustro. O claustro contém um corredor externo coberto e abobadado, contíguo à fachada onde está situado o Coro e a Sacristia, estabelecendo assim uma ligação directa de um corpo do Hospício, para o outro, estabelecendo ainda uma ligação com a Portaria, assim como umas escadas em caracol que ligam ao piso superior. A cabeceira da igreja é constituída por um coro, através de uma planta circular, com ligação para a Sacristia. No lado direito do Convento situa-se como uma estrutura anexa, o refeitório e a cozinha que servem de divisória entre um jardim triangular e um pátio rústico externo que por norma seria fechado.

A igreja neste desenho (figura 3) encontra-se cortada, impossibilitando a visualização do plano completo do convento. Mas já referida anteriormente na figura 2 a planta da igreja desenhada por Guarini que nunca chegou a ser realizada, contém uma cabeceira idêntica à cabeceira da Igreja cortada da figura 3.

Foi possível confirmar esta suspeita através da sobreposição das plantas (figura 2 e 3) que vieram a confirmaram o que se antevia numa comparação a olho nu, demonstrando assim que Guarini pensou de facto no plano geral para este lote (figura 4) mas que não chegou a ser completo, muito pouco deve ter sido construído.⁸ A legenda referente aos números a vermelho, encontra-se no Anexo A.

⁷ Ayres de Carvalho, A. (1977). *Catálogo da Coleção de Desenhos*. Lisboa.

⁸ Pereira, J. F.-., Pereira, P. 1.-., & Palma, M. f. (1989). *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Presença.

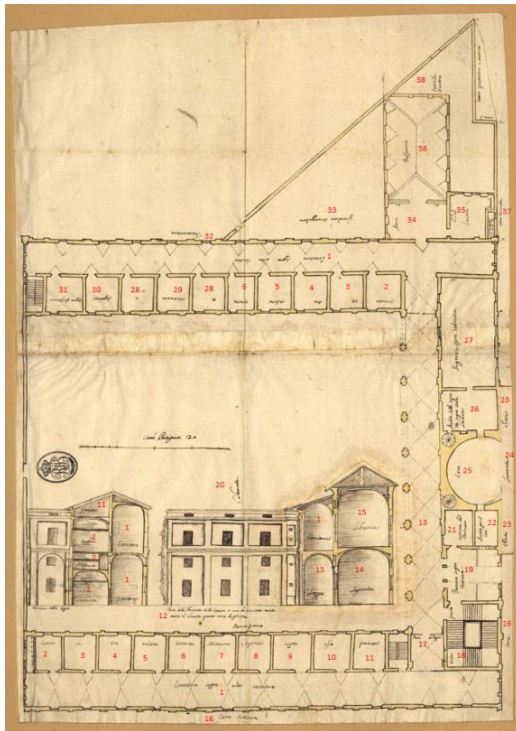


Figura 3 - Planta e corte desenhados por Guarini para o Convento dos Caetanos (1675-1683). Desenho parcialmente realizado - BNP

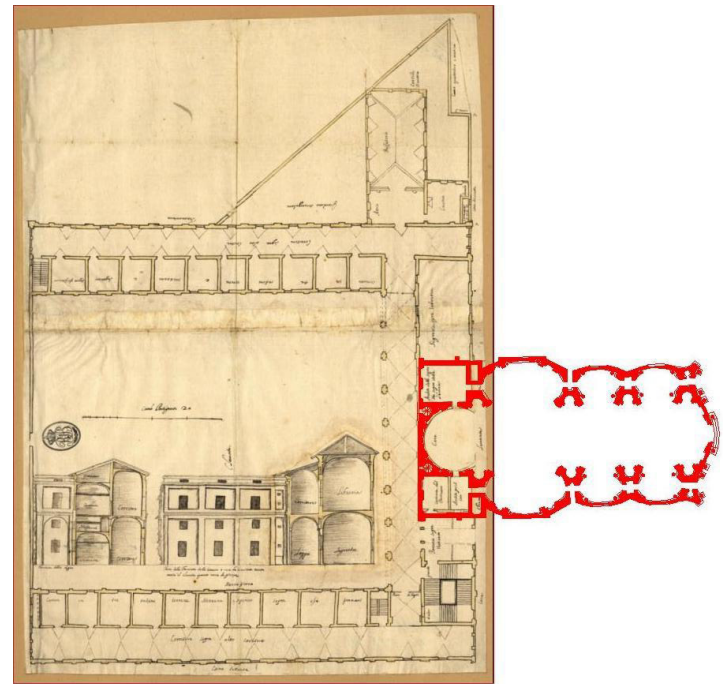


Figura 4 - Sobreposição da figura 2 com a figura 3 possibilitando o que se pensa ser o plano geral para o Convento dos Caetanos desenhado por Guarini.

4.3. O Convento dos Caetanos

Foi mais tarde que o rei D. Pedro II, a 11 de Outubro de 1681, concedeu a segunda licença aos Teatinos para transformar o seu Hospício em Convento, passando assim a denominar-se como o Convento dos Caetanos.⁹

Com esta permissão ganham espaço para aceitarem noviços e aumentarem a sua casa. E visto que a Igreja que servia este Convento, se encontrava em edifícios antigos, resultando num espaço muito pequeno e irregular que apresentava sinais evidentes de ruína, os padres Teatinos encarregaram-se em fundar uma nova Igreja. Foi lançada a primeira pedra desta construção a 7 de Abril de 1698 pelo Cardeal Arcebispo D. Luiz de Sousa.¹⁰

Passados cinquenta anos o Convento dos Caetanos ainda se encontrava em obras e foi o engenheiro militar Guilherme Paes de Menezes que deu continuação às remodelações que os Teatinos tinham iniciado.

Assim, através da planta encontrada de Paes de Menezes datada de 1748 (figura 5) e com o auxílio do programa de AutoCAD, foi possível separar esta planta em duas plantas distintas, nomeadamente a planta dos amarelos (figura 6) e a planta dos vermelhos (figura 7).

Paes de Menezes descreve os amarelos como o que estava projectado, a vermelho o que existia e a vermelho escuro o que se fez do projecto de 1698, mas com o passar do tempo a distinção dos

⁹ Sousa, A. D. (1846). Memória histórica sobre a fundação do hospício da invocação de N^a S^a da Divina Providência, o qual pertenceo aos clérigos regulares theatinos, actualmente Conservatório Real de Lisboa / pelo abbade A. D. de Castro e Sousa. Lisboa: Typ. da Hist. d'Hispanha.

¹⁰ Castro, J. B., Grandpré, C., & Ameno, F. L. (1763). Mappa de Portugal antigo e moderno. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno .

vermelhos deixou de ser possível de visualizar, não podendo determinar-se com exactidão o que existia das obras de 1651-53 e o que resultaria das obras posteriores de 1698.

A legenda desta planta (figura 5) aparece no Anexo B descrevendo a distribuição de cada espaço.

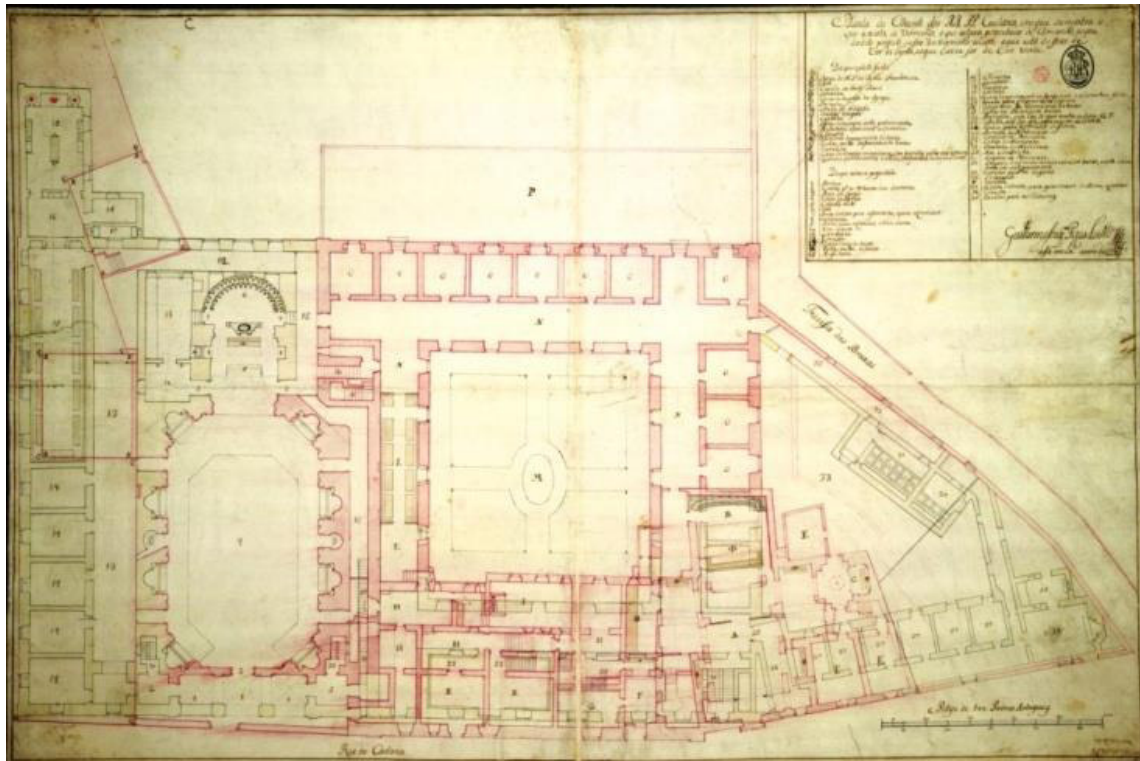


Figura 5 - Planta do Convento dos Caetanos (1748) pelo engenheiro militar Guilherme Joaquim Paes de Menezes, em que marca a amarelo o que se encontrava projectado, a vermelho a pré-existência e a vermelho escuro o que se fez do projecto de 1698 - BNP

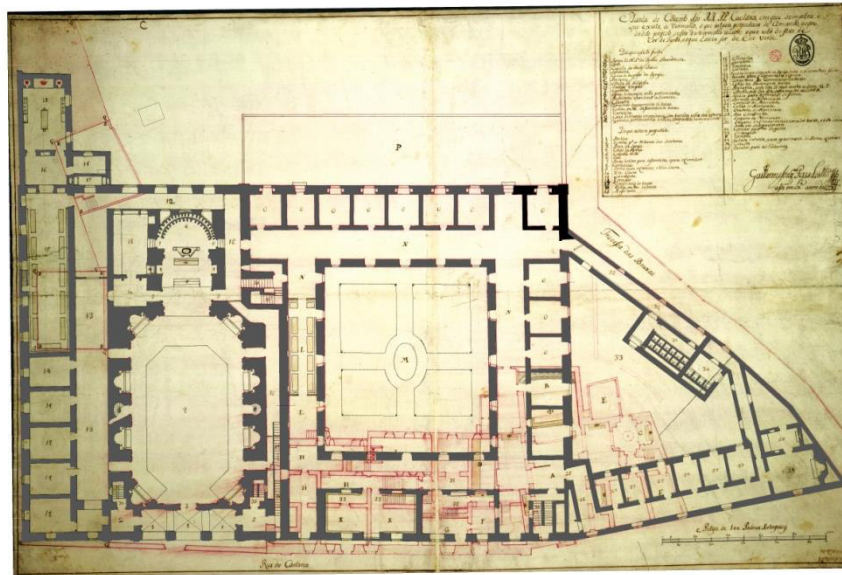


Figura 6 - Planta proveniente da planta da figura 5 representando aqui o plano completo do projecto marcado a amarelo, sendo essa cor descrita na planta da figura 5 como o que se encontrava projectado.

Como resultado da separação dos vermelhos e dos amarelos da planta de Paes de Menezes (figura 5), é visível nesta planta (figura 6) o resultado dos amarelos, nomeadamente do que estava projectado. Está representado nesta planta (figura 6) o resultado final do convento se as obras de remodelação do Convento dos Caetanos tivessem sido concluídas.

O corredor interno circula em torno do claustro com as celas encostadas à fachada exterior. Do seu lado direito, em forma triangular, encontrava-se uma extensão do terreno com lugar para os noviços, (extensão essa, que se assemelha à que se encontra na planta da figura 3, que também ali continha o refeitório e cozinha), do lado esquerdo ao seu corpo central está desenhada a nova Igreja para o Convento dos Caetanos que estabeleceria uma ligação entre o Convento e o corpo do lado esquerdo da Igreja, através de um corredor que passava por detrás do altar da Igreja.

Através da parede curva, visível na planta desta Igreja, com ângulos cortados ao contrário do tradicional, leva a pensar que foi inspirada no projecto de Guarino Guarini (figura 2). Já a cabeceira da Igreja segue aqui a tradição Teatina com a sua capela-mor funda. Esta fora desenhada pela iniciativa do padre Teatino Manuel Caetano de Sousa com a intenção de erguer uma Igreja mais sumptuosa, e, também, por ameaça de ruína da igreja existente.

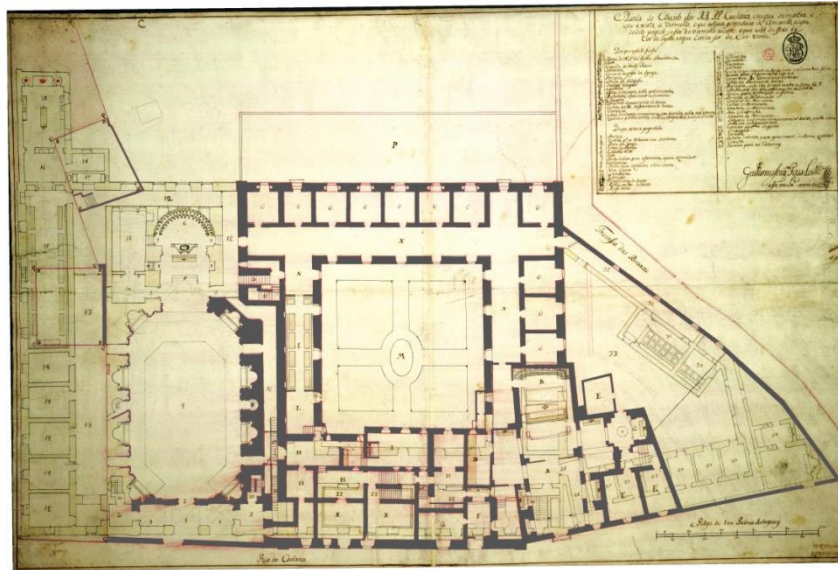


Figura 7 - Planta proveniente da planta da figura 5 representando aqui o que existia edificado do Convento dos Caetanos, antes das obras, e o que se encontrava construído do novo projecto. Devido ao esbatimento das tonalidades da planta (do vermelho que representa a pré-existência e a vermelho escuro o que se realizou deste projecto) dificultando a distinção destas mesmas, representou-se nesta planta da figura 7 essas duas características juntas.

Como resultado da divisão da planta da figura 5 já anteriormente referida, aqui encontra-se o resultado da planta dos vermelhos, neste caso do que existia construído até 1748. Apesar de Paes de Menezes distinguir as duas tonalidades de vermelho, o pré-existente a vermelho e num vermelho mais escuro o que já se tinha erguido do novo projecto, o tempo veio a esbater as tonalidades dos vermelhos, impossibilitando perceber tal distinção. Portanto, nesta planta (figura 7) está apenas o resultado do que existia construído no ano de 1748.

Podemos perceber a existência de celas, pela fachada exterior, que também são visíveis no plano de 1698 (figura 6) e a cozinha numa fachada para o claustro, bem como o que havia sido construído da nova igreja.

É evidente ainda a igreja enviesada no lado direito da planta que servia o convento e os fieis. Esta era composta por uma cabeceira recta e funda com planta de cruz alta latina, com uma irregularidade regida por duas capelas desiguais dos lados. Estabelecia ainda uma ligação directa com um anexo exterior em forma triangular, através de uma capela regular com planta em cruz grega, que na planta da figura 5 se encontra legendada com a letra "C".

Mas foi no início do século XVIII que esta recebeu na data de celebração da canonização de S. André Avelino, a 22 de Maio de 1712, novos estuques no seu interior. Fora dotada de um arranjo interno em que se destacavam os estípites da segunda ordem, uma ideia arquitectónica de Carlo Gimach já utilizada numa outra obra sua, e de um novo coro alto a toda a largura da nave, assente sobre colunas. A igreja encontrava-se decorada com motivos barrocos como festões, tarjas, cornijas falsas, jaspes e conchas, esta composta por cinco capelas.¹¹

Luiz Gonzaga Pereira descreve as capelas deste templo dando a conhecer a sua organização. "Possue este templo 5 capellas com a primaria, em que se acha colocada a Imagem de N. Sr.^a da Divina Providencia como Orago, em hum retabulo chato bem conforme com o da Igreja de S.Roque e Colegio de Nobres: 4 capellas lateraes, sendo a primeira da parte do Evangelho a do santo fundador; em frente desta a de S. André Avelino e Passos de N. Senhor; a 2^a da esquerda, ó (da parte) da Epistola, metida em fundo, he dedicada ao SS.^{mo} Sacramento; todas conservadas com muita descencia." (Pereira L. G., 1927, p. 190). Não esquecendo de referir ainda que as capelas

¹¹ Gomes, P. V. (1993). PENÉLOPE FAZER E DESFAZER A HISTÓRIA. As Iniciativas Arquitectónicas dos Teatinos em Lisboa, 1648-1698 (mais alguns elementos) , pp. 73-82.

estavam todas decoradas com esculturas de S. Caetano e da Nossa Senhora da Divina Providência, sendo a mais bem acabada a do Senhor Jesus dos Paços, havendo ainda na portaria uma escultura de Santo Cristo.

Voltando à igreja que se encontrava em construção, Ayres de Carvalho identifica a fachada da que viria a ser da nova igreja do Convento dos Caetanos por Pascoal Roiz Pacheco (figura 8). Esta fachada contém na sua entrada, o mesmo número de arcadas para um hall com ligação à porta da igreja, que a planta da figura 5 apresenta e ainda evidenciado nesta planta está a porta da igreja mais recuada. E ainda estabelecendo uma perfeita ligação entre a fachada (figura 8) com a planta (figura 5) estão presentes as seis pilastras.



Figura 8- Fachada da nova igreja do Convento dos Caetanos, (1695) visível em planta na figura 5 no lado esquerdo da planta. Desenho não realizado. - BNP

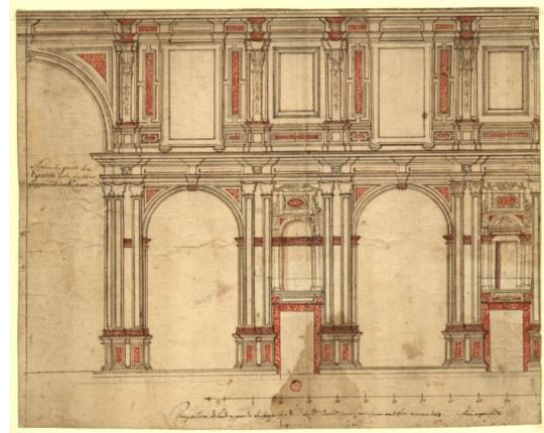


Figura 9 - Alçado interior esquerdo da nova igreja do Convento dos Caetanos visível em planta na figura 5. Desenho não realizado. - BNP

Mas quanto à fachada interior da igreja (figura 9), Ayres de Carvalho já não demonstra tantas certezas de pertencer ao mesmo autor. Na legenda deste desenho, refere que deverá ser da mesma igreja e, quanto ao seu autor, menciona Pascoal Roiz Pacheco, mostrando a sua dúvida com uma interrogação seguida do seu nome. A análise realizada entre estes desenhos (figura 5 e figura 9) revelam elementos da fachada interior compatíveis com a planta, como por exemplo as pilastras e as arcadas, mas após a descrição que Paulo Varela Gomes escreve, em relação ao interior da igreja, fica claro que esta fachada do interior da igreja (figura 9) pertence à igreja que se encontrava em construção na planta de Paes de Menezes (figura 5).

Paulo Varela Gomes refere que João Antunes teve nos seus projectos a utilização de mármore italianos finos, e atribui-lhe total responsabilidade desta moda em Portugal entre 1680 e 1710. O projecto da igreja de Santo Elói realizado por Antunes em 1694 foi uma das mais influentes igrejas da arquitectura portuguesa, principalmente por ter sido a Igreja que deu o arranque a uma série de outras construídas em Portugal e no Brasil, que vieram a contribuir para a cultura arquitectónica portuguesa e para a planimetria da arquitectura classicista europeia. Correspondendo às mesmas características encontra-se a igreja do Menino-Deus que se tratava de uma réplica de Santo Elói, e como seguimento deste movimento artístico está uma terceira igreja, sendo esta a igreja que se encontra na planta da figura 5.

"A terceira igreja do mesmo tipo pode também ser atribuída a Antunes e, como Santo Elói, também já não existe: em 7 de Abril de 1698, o Arcebispo de Lisboa colocou a primeira pedra de uma nova igreja dos Teatinos descrita pelo Santuário Mariano (VII, 81) como muyto magnifica de ricas pedrarias e pela crónica dos Teatinos portugueses como sendo de mármore e jaspes. Os termos não deixam dúvidas: tratava-se de uma igreja revestida a embutido fino mármore, o que é confirmado por um desenho de levantamento do estado das obras da igreja cerca de 1700, assinado pelo entalhador e arquitecto Pascoal Rodrigues." (Gomes, Se eu cá tivera vindo antes...Mármore italianos e barroco português, 2003, p. 181)

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

Após a análise da fachada exterior da igreja (figura 8), da fachada interior (figura 9) e da planta da igreja (figura 5) é possível afirmar que estes desenhos contêm claramente a mesma leitura arquitectónica.

Do projecto da remodelação do Convento dos Caetanos visível no plano de 1698 (figura 5), só parte do mesmo é que foi concretizado, pois o terramoto de 1 de Novembro de 1755 que veio a devastar Lisboa, impediu o seguimento desse mesmo projecto.

Dentro da área em que o terramoto actuou, delineada na figura 10 por uma linha mais grossa a preto, é possível visualizar a localização do Convento dos Caetanos marcada a vermelho.

O projecto de remodelação, em que se encontrava este Convento, ficou desta forma encerrado, arruinando assim a hipótese dos Teatinos erguerem uma Igreja em condições, de melhor amplitude e com mais comodidade.

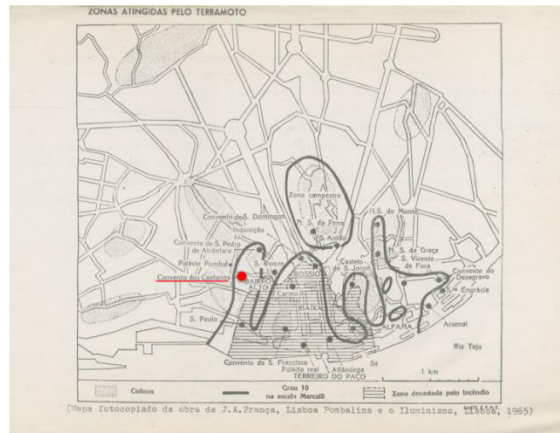


Figura 10 - Zona de Lisboa afectada pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755 delineada com uma linha preta onde se vê a localização do Convento dos Caetanos marcada a vermelho. - GEO¹²

¹² J.A.França. (1965). Lisboa Pombalina e o Iluminismo. Lisboa: Bertrand.

Em resultado do terramoto devastador, o Convento dos Caetanos, como muitos outros, necessitava de reparações significativas. Estas obras realizadas às custas do Padre D. Luiz Caetano de Lima, duraram dois anos o que levou os teatinos a instalarem-se, até ao fim das obras, quer numa quinta que possuíam no Campo Grande, quer em casa de parentes até poderem voltar ao seu convento no Bairro Alto.

O Convento dos Teatinos foi construído aos remendos e a nova Igreja, que nunca chegou a ficar concluída, foi desmontada e vendido o pouco que restava para usar a pedra para construção de outros prédios.¹³

¹³ Pereira, L. G. (1927). *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.

5. De Convento a Escola

5.1. Extinção das ordens religiosas. Alteração dos limites da propriedade

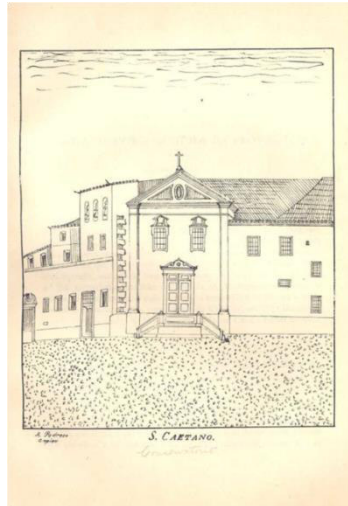


Figura 11 - Gravura por Luiz Gonzada Pereira da igreja do Convento dos Caetanos e do seu restante edifício contínuo à fachada da igreja. (1833). - GEO

Em 1811, encontra-se instalada no Convento dos Caetanos a Real Academia de Desenho e Architectura Civil. Esta, anos mais tarde, em 1822 passou para o Palácio do Rossio e até 1836 mudou várias vezes de local até que em Outubro, desse ano, se instalou na nova Academia de Bellas Artes.

A Ordem Religiosa dos Clérigos Regulares Teatinos situada em Lisboa no Bairro Alto, ao lado dos Inglesinhos, fecha as portas passados 184 anos de actividade, pelo Decreto 30 de Maio de 1834 que resultou na extinção das Ordens Religiosas com o objectivo de eliminar o excessivo poder económico e social do clero.

Depois desta viragem na história, foi realizado por parte dos militares, um levantamento do estado de conservação de todos os conventos, com o propósito de lhes darem uma nova utilização para que estes não entrassem em total ruína. Uns acabavam transformados em fábricas, outros em tanoarias, escolas e nos mais diversos tipos de ocupação. Como resultado deste levantamento, encontra-se na figura 12 retratada a planta do piso térreo e a planta alta do convento visível na figura 13. A legenda com a distribuição do espaço de cada uma encontra-se no Anexo C.

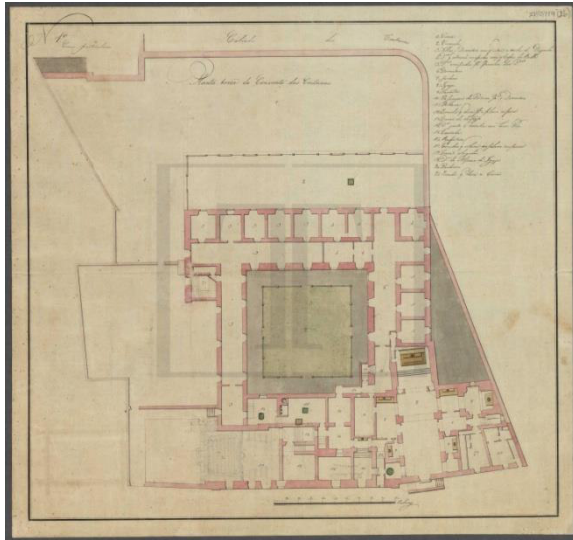


Figura 12 - Planta Térrea do Convento dos Caetanos resultante do levantamento militar realizado após a expulsão das Ordens Religiosas.- ANTT

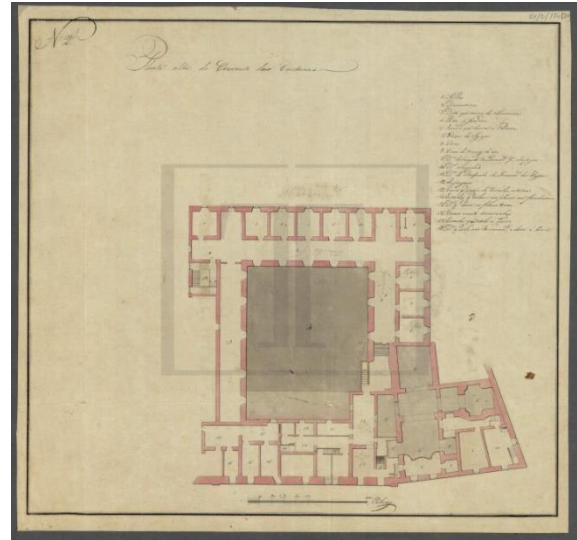


Figura 13 - Planta Alta do Convento dos Caetano resultante do levantamento militar realizado após a expulsão das Ordens Religiosas. - ANTT

Após uma comparação entre as plantas da figura 7 e da figura 12 é possível verificar que o convento pouco sofreu de alterações entre 1748 e 1834. Já sem vestígios da que viria a ser a nova igreja dos teatinos, visível na planta de Paes de Menezes (figura 5), ali permanecia o terreno vazio,

sem terem voltado a construir mais nada até à data do levantamento do Convento por parte dos militares.

O terreno em forma triangular em anexo à igreja, existente na planta da figura 12, aparece com uma área bem mais reduzida comparando com a planta da figura 5 onde se encontrava delineado a vermelho (cor correspondente ao que fora construído) o limite do terreno em forma triangular com a rua demonstrando uma maior área.

Visto não existir nenhuma planta topográfica que demonstre esse limite do terreno triangular da figura 5, o facto criou a necessidade de confirmar se realmente este limite do terreno existiu. Assim com o intuito de perceber se este limite adjacente à igreja teria existido de facto, foi realizada uma sobreposição da planta de Paes de Menezes (figura 5) com a planta topográfica de Filipe Folque (figura 14).

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.



Figura 14 - Planta topográfica por Filipe Folque (1856), onde se encontra o Convento dos Caetanos no Bairro Alto em Lisboa delineado a vermelho. - AML

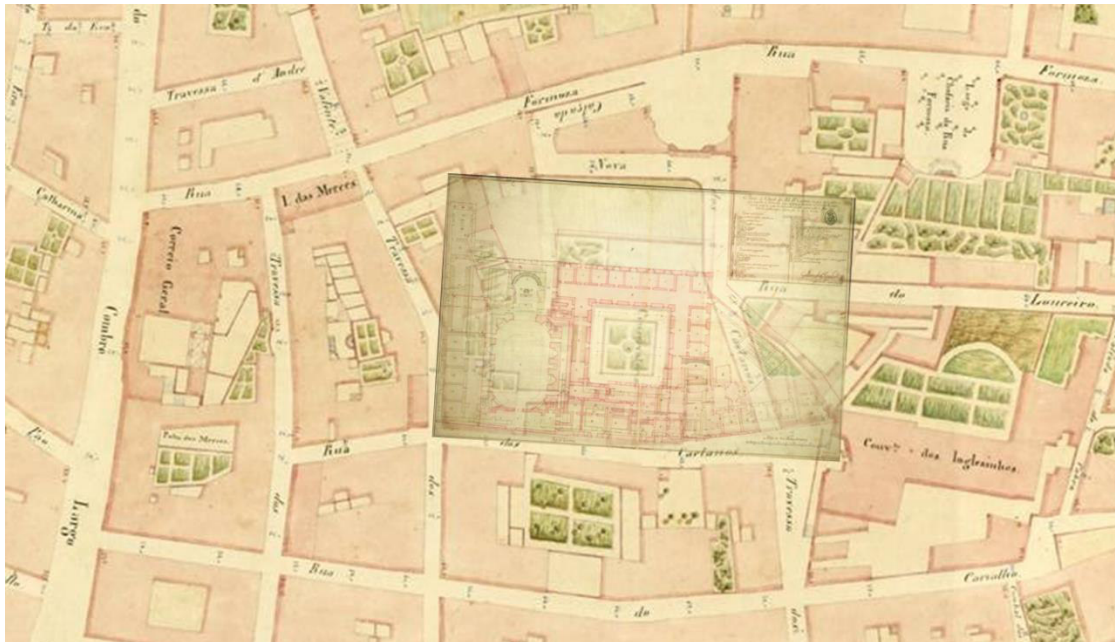


Figura 15 - Sobreposição da figura 5 com a figura 14, que vem a confirmar os limites do lote do Convento dos Caetanos. Sobreposição que vem a comprovar que de facto a rua adjacente ao Convento do lado direito na planta da figura 14 ainda não existia em 1748 (data da planta da figura 5 sobreposta).

A ampliação da zona delineada a vermelho na planta de Filipe Folque (figura 14) resultou nesta ampliação (figura 15).

É possível visualizar que existe um alinhamento entre o muro marcado a vermelho da planta de Paes de Menezes (figura 5) com uma zona verde de forma triangular e um módulo adjacente.

Na planta da figura 16 está evidenciado o módulo referido anteriormente. O alinhamento deste módulo com a Igreja é bastante notório, o que possibilita presumir que de facto este terreno triangular em anexo à Igreja existiu mas dado o encerramento das obras em que o Convento se encontrava até ao terramoto de 1755, as celas para os noviços, entre outras construções neste terreno, acabaram

5.2. O Conservatório Geral de Arte Dramática

Depois de Almeida Garrett relatar à Rainha D. Maria II sobre a "decadência" do teatro e de obter grande compreensão junto de Passos Manuel, fundou-se pelo Decreto de 15 de Novembro de 1836 o Conservatório Geral de Arte Dramática e a Inspeção Geral dos Teatros. Neste Conservatório foi incorporado o Conservatório de Música, já estabelecido na Casa Pia no ano anterior por João Domingos Bomtempo, levando este Conservatório a ser constituído por um total de três escolas, sendo elas: a Escola de Teatro e Declamação; a Escola de Música e por fim a Escola de Dança e Mímica. O Convento dos Caetanos fora então ocupado por esta entidade a 12 de Janeiro de 1837.

Almeida Garrett a 27 de Março de 1839 conseguiu a aprovação do Governo quanto ao regulamento apresentado no ano anterior.

Os primeiros tempos deste instituto foram difíceis, tanto no campo financeiro como também por falta de reconhecimento dos seus estatutos, por parte do Ministério do Reino, que demonstrava desinteresse. Assim João Domingos Bomtempo, Director da Escola de Música do Conservatório, resolveu esta situação precária quando solicitou à Rainha D. Maria II, por protecção régia, que lhe foi concedida ao nomear D. Fernando, seu marido, como presidente honorário da instituição. Assim, e em resultado deste apelo, foi a 4 de Julho de 1840 alterado o nome do Conservatório Geral da Arte Dramática para Conservatório Real de Lisboa, juntamente com a sua igreja que passou a denominar-se como Capela Real.¹⁴

Não esquecendo os antecedentes do edifício, o Conservatório vai adoptar como seus padroeiros Nossa Senhora sob a Invocação da Divina Providência e S. Caetano que durante 184 anos tinham sido os padroeiros do Convento dos Caetanos, nesta mesma casa.

¹⁴ Martins, R. (1944). Velhos mosteiros de Lisboa: Dos teatinos ao Conservatório. Diário de Notícias.

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

Feliciano Souza Corrêa desenhou nos meses de Fevereiro (figura 17), Março (figura 18) e Abril (figura 19), do ano de 1840, três propostas para um teatro para o Conservatório que se encontra no Anexo D a legenda, de cada uma, onde se descreve cada espaço.

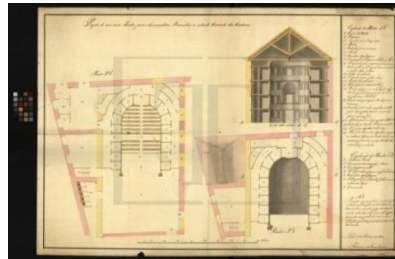


Figura 17 - 6 de Fevereiro de 1840 - Projecto de um novo teatro para o conservatório dramático no extinto Convento dos Caetanos, por Feliciano de Sousa Corrêa, e copiado por Paulo José Ferreira da Costa. - ANTT

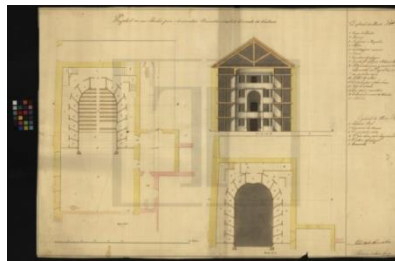


Figura 18 - 21 de Março de 1840 - Projecto de um novo teatro para o conservatório dramático no extinto Convento dos Caetanos por Arquitecto Feliciano de Sousa Corrêa - ANTT

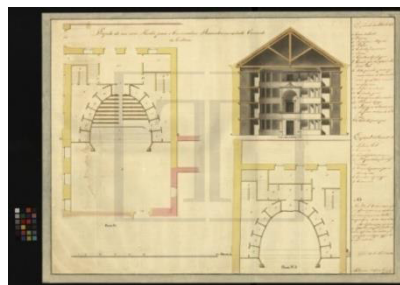


Figura 19 - 18 de Abril de 1840 - Projecto de um novo teatro para o conservatório dramático no extinto Convento dos Caetanos por Arquitecto Feliciano de Sousa Corrêa - ANTT

Na legenda da planta da figura 12, em anexo, está descrito no número 20 como sendo um pardieiro, e nessa área está marcado muito sobriamente a planta de uma plateia induzindo a pensar que seria este o local que teria sido pensado como espaço para ser erguido o teatro para o Conservatório.

Assim, com a intenção de tentar perceber se de facto seria este o local originalmente escolhido para ser erguido o teatro, a proposta da figura 18 parece mais adequada pois foi a única que sobrepõe de forma mais precisa na planta da figura 12, originando assim a figura 20.

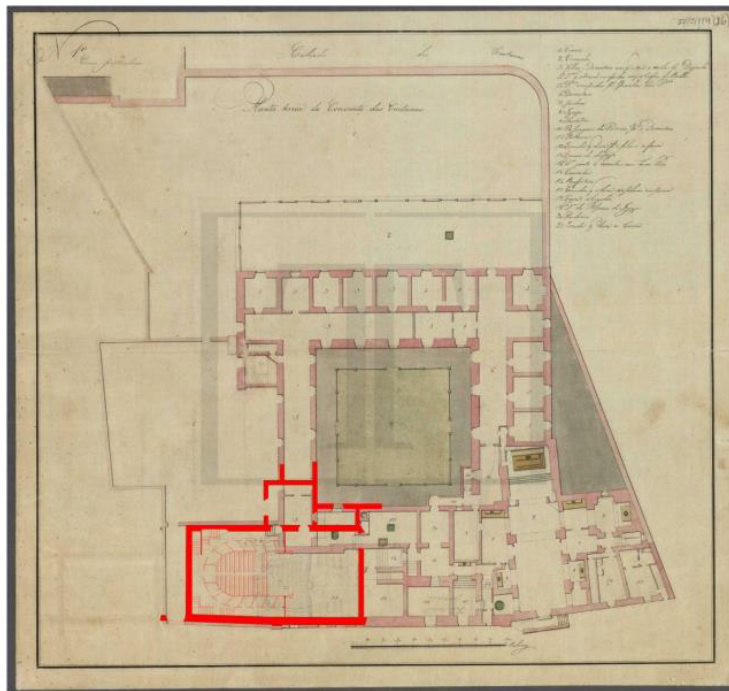


Figura 20 - Visível a vermelho, está a planta da proposta da figura 18 de 21 de Março de 1840, desenhada no programa AutoCAD e sobreposta na planta da figura 12, originando a figura 20 onde se percebe claramente para onde estava pensado o teatro.

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

Através da planta da figura 12, utilizada para esta sobreposição na figura 20, é possível perceber que a proposta da figura 18, de 21 de Março de 1840, estava de facto pensada para este sítio, a parede exterior do teatro alinha-se perfeitamente com a parede do Conservatório e as paredes que formam um canto no pátio encontram-se igualmente alinhadas. Mas estas não passaram so de propostas, pois o teatro não chegou a ser realizado.

Por Decreto de 24 de Maio de 1841 o Conservatório recebe os Estatutos para a sua final organização.

A igreja, com o passar do tempo, foi alvo de abandono por parte do Conservatório, até que esta foi restaurada em 1856.

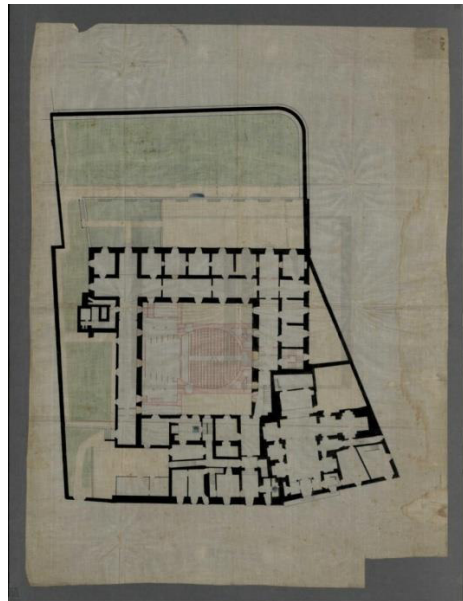


Figura 21 - Princípio do Conservatório Nacional no antigo Convento dos Caetanos com uma proposta de um teatro no pátio central. - ANTT

O pátio do Conservatório (figura 21) também foi alvo de uma proposta para se edificar ali um teatro.

Este teatro, se tivesse sido construído, viria a inutilizar o pátio por completo, restando apenas dois saguões laterais à plateia. A sua entrada seria realizada pelo corredor continuo à entrada do Conservatório com uma coxia central perpendicular ao palco.

Os camarotes representados nos cortes das figuras 22 e 23 são muito bem elaborados, o camarote central destacava-se com o seu lustre próprio, no topo deste camarote havia um braço de Portugal seguido de umas cortinas presas a umas colunas laterais. O teatro tem ainda representado nos cortes (figura 22 e 23) a plateia com a inclinação necessária para uma melhor visualização do palco.

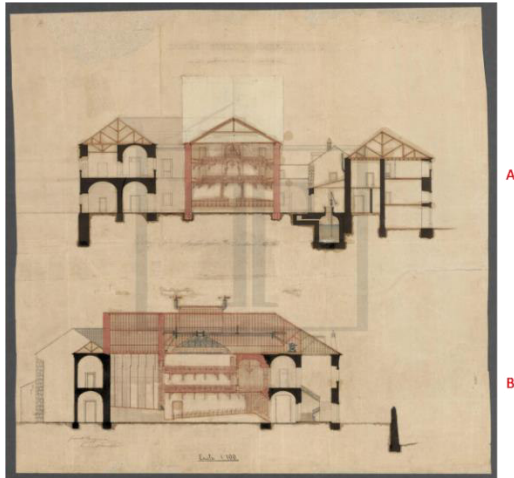


Figura 22 - Cortes longitudinais do Conservatório Nacional como proposta para um teatro no pátio central - ANTT

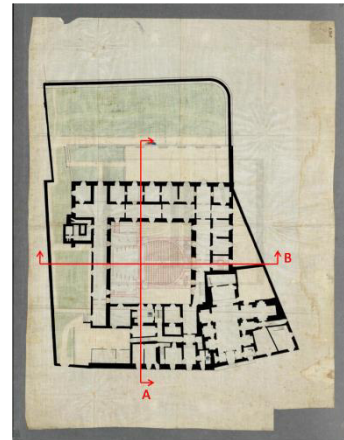


Figura 24 - Planta da figura 21 com a localização dos cortes das figuras 22 e 23.

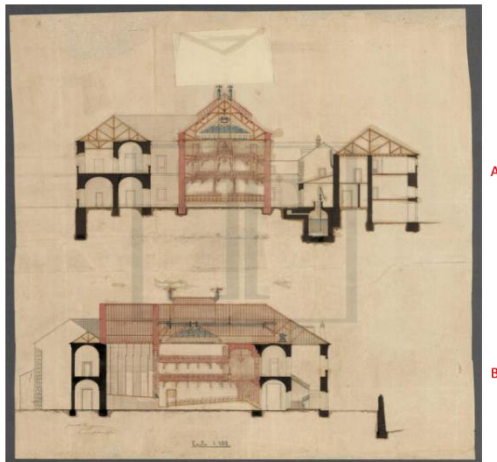


Figura 23 - Cortes longitudinais do Conservatório Nacional como proposta para um teatro no pátio central - ANTT

5.3. O Salão Nobre



Figura 25 - Cortes do Conservatório Nacional (1870), sem ainda alguma alteração ao edifício do antigo Convento dos Caetanos. - ANTT

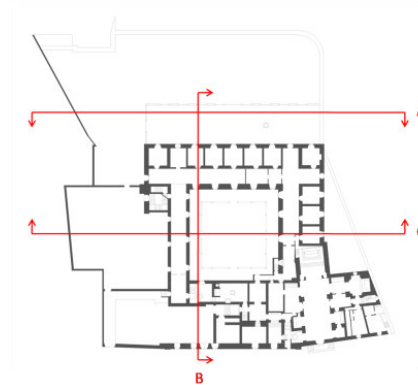


Figura 26- Planta da figura 12 com a localização dos cortes da figura 25.

A 19 de Agosto de 1870 como retrata a figura 25, o Conservatório Real ainda não teria realizado obras de melhoria, para esta nova instituição que veio a ocupar o Convento dos Caetanos.

Após a devida identificação dos cortes com o apoio da figura 26, é possível analisar que o Corte A corresponde ao Alçado Tardoz do Conservatório Real. No seu lado esquerdo, a uma cota mais baixa, encontra-se as traseiras da igreja, a porta ali presente ligava a um espaço exterior em forma triangular.

A cisterna proveniente do antigo Convento localiza-se por baixo da varanda, varanda essa que é visível em corte no Corte B. Este corte transversal ao Conservatório (Corte B) possibilita confirmar que a altura da Igreja é inferior ao edifício em si, como no Corte A, como a cisterna também

representada em corte, o poço da que tinha sido a cozinha do antigo Convento e os seus corredores abobadados, presentes também no Corte C. Visualiza-se o módulo apenas constituído por um corredor de dois níveis, sem qualquer corpo adjacente, servindo apenas como elemento de ligação entre dois pontos do edifício, permitindo assim uma circulação contígua.

Mas as necessidades do Conservatório Real não tardaram a impor-se ao edifício. Os alunos necessitavam de um sítio para poderem realizar os seus Exercícios Públicos anuais.

Assim entre 1873-1874 foram iniciadas as obras para construir um Salão de Actos pelo architecto Valentim José Correia que dirigiu a construção. E para complementar o projecto, José Correia para a execução da ornamentação do tecto, contou com a colaboração de Eugénio Cotrim e com José Malhoa para a pintura figurativa do mesmo. Este pintou retratos de antigos Directores da escola, entre eles João Domingos Bomtempo e Almeida Garrett.

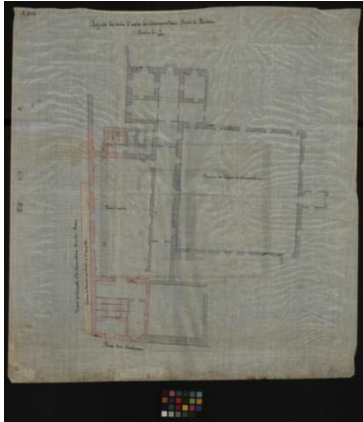


Figura 27 - Planta da Sala de actos do Conservatório Nacional - ANTT

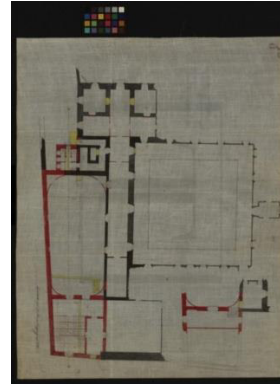


Figura 28 - Planta Levantada por José Maria Caggiani (1872) da Sala de Actos do Conservatório Nacional - ANTT

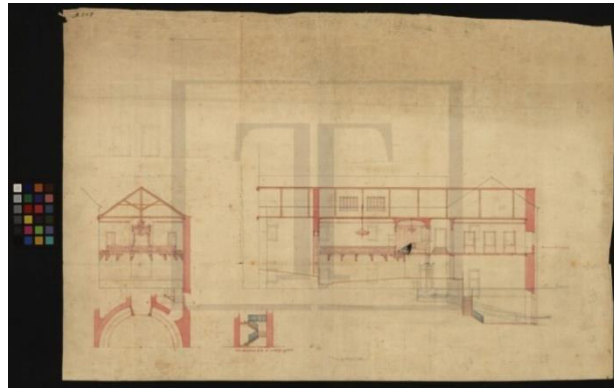


Figura 29 - Corte Transversal e Corte Longitudinal do Salão de Actos do Conservatório Nacional - ANTT

As duas figuras abaixo representadas (figura 27 e 28) retratam o projecto para a realização deste Salão de Actos, em que nestas está representado a vermelho a proposta de construção e a amarelo o que haveria de ser demolido. Seguem-se nestes desenhos, do Salão de Actos, dois cortes, um corte transversal e um corte longitudinal. Assemelhando-se aos cortes das figuras 27 e 28, os cortes da figura 29 contêm também um camarote central, evidenciado em relação ao restante desse piso, com cortinados presos em duas colunas e exibindo no topo um Brasão de Portugal e dois lustres, sendo um deles mais reduzido para iluminar este camarote central. No hall de entrada está uma escadaria até á entrada do Salão e por cima deste hall já se encontrava a sala onde hoje é o museu do Conservatório com quadros e instrumentos expostos em vitrinas.

Chegando ao ano de 1881 o tão esperado Salão de Actos é inaugurado, ficando a obra concluída a 28 de Agosto de 1892.¹⁵

¹⁵ Borges, M. J. (s.d.). Breve Cronologia Histórica da Escola de Música do Conservatório Nacional. Obtido em 3 de julho de 2015, de Meloteca: <http://www.meloteca.com/historico-cronologia-escola-de-musica-do-conservatorio-nacional.htm#cimo>

5.4. O Conservatório Nacional. Início das grandes obras



Figura 30 - Planta topográfica de Júlio António Vieira de Silva Pinto (1909-1915) da área onde se encontra o Convento dos Caetanos no Bairro Alto em Lisboa delineado a vermelho. - AML

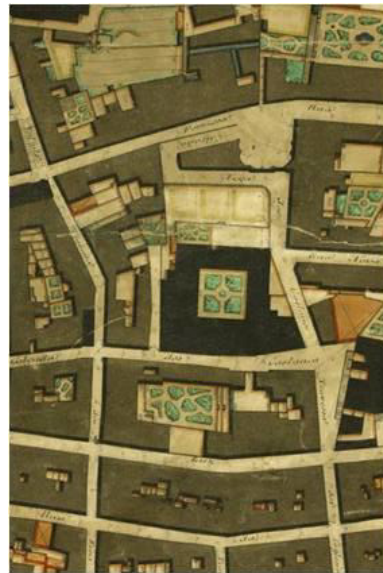


Figura 31 - Ampliação da área delineada a vermelho da planta da figura 30

Na planta do levantamento topográfico de Lisboa de Júlio António Vieira da Silva (figura 30) já é notório o preenchimento da área em "L", no canto inferior esquerdo do lote do Conservatório Real,

ocupado pelo Salão de Actos. Já no seu lado direito ainda prevalece, nesta época, a igreja com o seu anexo exterior em forma triangular.

Começam, desta forma, as adaptações do edifício às necessidades da instituição.

Como refere Maria José Borges, o Conservatório muda mais uma vez de nome "Após a proclamação da República em 5 de Outubro de 1910, passa a designar-se como Conservatório Nacional de Lisboa." (Borges)¹⁶

Um ano mais tarde, em 1911, inicia-se uma grande campanha de remodelação que veio a transformar o Conservatório por completo sob a direcção do Engenheiro Vieira da Cunha com o projecto de Carlos Monsão. No seguimento desta remodelação do Conservatório Nacional, foi demolido, em 1912 o principal vestígio de construção monástica, a igreja que outrora pertenceu ao Convento dos Caetanos. E como resultado disto, o Conservatório Nacional ganhou uma nova fachada, uma fachada nobre em pedra.

Na figura 32 encontra-se desenhado o que se pensa ser uma proposta para a nova fachada da escola. Comparando a proposta (figura 32) com o Alçado Lateral do Conservatório (figura 33) é possível reparar nos vários elementos em comum, como a inclinação da rua, que se vem a assemelhar com a inclinação da existente, a pedra que divide os pisos na fachada, tal como hoje existe apesar de actualmente ser mais elaborada.

¹⁶ Borges, M. J. (s.d.). Breve Cronologia Histórica da Escola de Música do Conservatório Nacional. Obtido em 3 de julho de 2015, de Meloteca: <http://www.meloteca.com/historico-cronologia-escola-de-musica-do-conservatorio-nacional.htm#cimo>

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

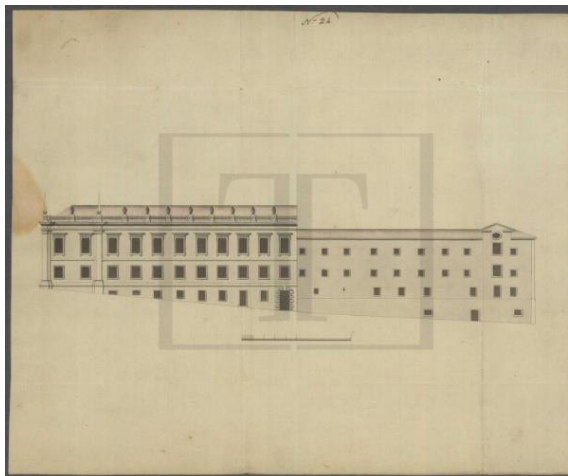


Figura 32 - Suposta proposta para a nova fachada do Conservatório Real. (19?) – ANTT



Figura 33 - Alçado Lateral Norte Conservatório (2003) - SIPA



Figura 34 - Conservatório Nacional (1918) - AML



Figura 35 - Conservatório Nacional (2015)

Ao contrário da nova fachada proposta para o Conservatório, o edifício que se encontra com uma fachada totalmente diferente colado a este, não corresponde com nada que tivesse existido.

Depois da demolição da igreja, a nova fachada em pedra (figura 33, 34 e 35), foi a grande transformação realizada no edifício e deu-lhe maior grandiosidade que é muito bem descrita por Cláudia Morgado " A composição das fachadas resultantes da remodelação do séc. 20 assentam num conjunto de elementos comuns como: embasamento de pedra; panos rebocados e rasgados por fenestração regular, de vãos alinhados e distribuídos a espaçamentos iguais - janelas de verga curva no piso térreo, de verga recta com moldura saliente no primeiro piso e de sacada no segundo piso, com guarda de ferro forjado; cornija saliente na linha inferior do pavimento em mansarda, sendo esta revestida a ardósia, rasgada por sacadas e coroada por lambrequim em ferro. A fachada principal recebe um tratamento mais elaborado, embora dentro destas linhas e elementos. É caracterizada pela definição de distintos panos com superfícies que avançam e recuam, sendo dado particular destaque ao pano central, integralmente de cantaria: porta principal de verga arqueada, ladeada por duas janelas de peito; no piso superior, vão tripartido com guarda em balaústres, encimado por entablamento e com frontão triangular com tímpano esculpido no alinhamento da vão central; para o remate da empena, um frontão triangular à dimensão de todo o pano e a ocultar a mansarda, interrompido na base para receber uma composição escultórica. Os panos dos extremos E. e N. e os que ladeiam o gaveto boleado, apresentam revestimento de cantaria até ao segundo piso e sacada com balaustrada de cantaria e vão encimado por frontão curvo com decoração escultórica no tímpano." (Morgado, 2002) . De referir, ainda, que as mansardas vêm a ser construídas em 1925.¹⁷

¹⁷ Morgado, C. (2002). Convento dos Caetanos / Conservatório Nacional. Obtido em 27 de Janeiro de 2015, de SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14263



Figura 36 - Gravura por Alfredo Gameiro (1903) da antiga fachada do Conservatório Nacional, com a igreja do antigo Convento dos Caetanos ainda presente, e a vermelho delineado o Salão Nobre - CML

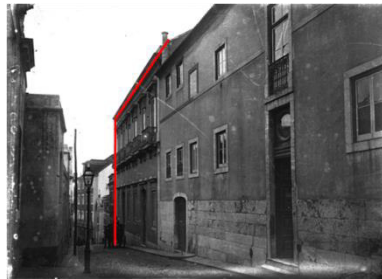


Figura 37 - Fotografia do já Conservatório Nacional com parte da sua fachada proveniente do Convento dos Caetanos com a fachada do Salão Nobre já presente do seu lado esquerdo delineado a vermelho. - AML



Figura 38 - Fotografia da nova e actual fachada do Conservatório Nacional, com o Salão Nobre delineado a vermelho. (2015)

No seguimento destas três figuras (figura 36, 37 e 38), estão representadas as duas fases da fachada frontal. Estas, retratam a época em que o Conservatório Nacional já se encontrava instalado neste edifício, mas ainda assim possibilitam visualizar a fachada proveniente do Convento dos Caetanos antes da sua alteração para a fachada nobre em pedra.

Presente em todas as figuras, encontra-se o Salão Nobre delineado a vermelho para uma melhor visualização do mesmo, a sua fachada permaneceu a mesma desde da sua construção sem apresentar qualquer tipo de alteração.

A gravura de Alfredo Gameiro (figura 36), dá a oportunidade de visualizar como era a fachada do Conservatório com a fachada antiga, sendo possível visualizar a igreja do Convento dos Caetanos, e

do lado esquerdo desta igreja, está a fachada do Convento, como se pode confirmar numa maior aproximação desta (figura 37), onde rapidamente se constata a correspondência entre os vãos nas figuras 36 e 37. A igreja aqui (figura 37), não aparece devido a uma maior aproximação à fachada principal, para a realização do registro fotográfico.

Já na figura 38, o Conservatório apresenta a nova fachada em pedra, que vem a engrandecer este edifício, descaracterizando o seu aspecto conventual.



Figura 39 - Subida da Rua João Pereira da Rosa (1890-1945) com as traseiras Conservatório Nacional do lado direito. - AML



Figura 40 -Subida da Rua João Pereira da Rosa (2015) com as novas traseiras do Conservatório Nacional presentes no lado esquerdo.

Comparando a figura 39 com a figura 40, é possível perceber na alteração realizada ao Conservatório (figura 40), presente do lado direito de cada figura, que com a nova fachada nobre em pedra, para além de vir a engradecer o edifício, a rua, que do seu lado esquerdo contém edifícios com traços maneiristas, também ganha uma nova caracterização.

Ao contrário do Conservatório, os edifícios da sua rua não apresentam qualquer tipo de alterações.

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.



Figura 41 - Salão Nobre do Conservatório Nacional de Música (1928) com o órgão presente.

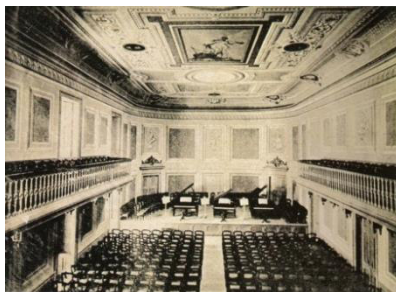


Figura 42 - Salão Nobre do Conservatório Nacional de Música antes das obras de 1946.



Figura 43 - Salão Nobre já depois das últimas grandes obras.

As pinturas do Salão Nobre são restauradas em 1923 e em 1928 um órgão vem enriquecer a sala, visível na figura 41.

É visível nestas figuras (figura 41 e 42) a plateia composta por cadeiras de madeira não pregadas ao chão com uma coxia central e na tribuna um parapeito composto por balaústres de madeira. Nesta época é notória a ausência dos lustres hoje em dia existentes como se pode confirmar nas figuras 43, 44 e 45.



Figura 44 - Salão Nobre na actualidade (2015)



Figura 45 - Salão Nobre na actualidade (2015)

Já na figura 43 o Salão Nobre retrata o resultado final das grandes obras, com cadeiras fixas de madeira, estas forradas a tecido verde-seco, enquanto que na tribuna e nos camarotes as cadeiras são soltas e forradas a tecido bordeaux, sendo o pavimento forrado a alcatifa bege. Diferente ainda da época da figura 43, o Salão Nobre nos dias de hoje, vendo pela figura 45, contém uma coxia central com um corredor intersectado.

5.5. O projeto de Raúl Tojal. Últimas obras.



Figura 46 - Planta Térrea do Conservatório Nacional do levantamento por Raul Tojal - SIPA

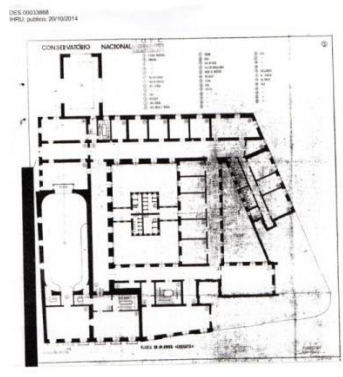


Figura 47 - Planta do 1º Piso do Conservatório Nacional do levantamento por Raul Tojal - SIPA

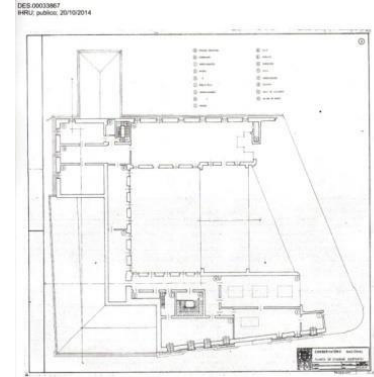


Figura 48 - Planta de Cobertura do Conservatório Nacional do levantamento por Raul Tojal - SIPA

Finalizado em Maio de 1934, um módulo constituído por sanitários ocupa o pátio do Conservatório estabelecendo uma ligação directa com o edifício e inutilizando o pátio.

Na década de 40 decorre no Conservatório uma campanha de remodelação e modernização do edifício, que vai ser projectada por Raul Tojal. Várias intervenções, como a conservação do Salão Nobre, a alteração da escadaria principal, uma salas amplas para o Museu Instrumental entre outros melhoramentos. E, sem adulterar o Salão Nobre, Raul Tojal modifica o átrio deste salão completamente, como é descrito detalhadamente por Cláudia Morgado "De apoio ao salão, um átrio de entrada com comunicação directa para a rua feita através de dois guarda-ventos em madeira, um foyer

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

térreo com bengaleiro e um foyer no 1º piso, todos com pavimento, lambril e pilares forrados a pedra de lioz polida. As instalações sanitárias são acessíveis através da escada que faz a comunicação entre os dois foyers." (Morgado, 2002)¹⁸

Nesta década é ainda desenhada uma nova biblioteca por Raul Lino para o Conservatório.

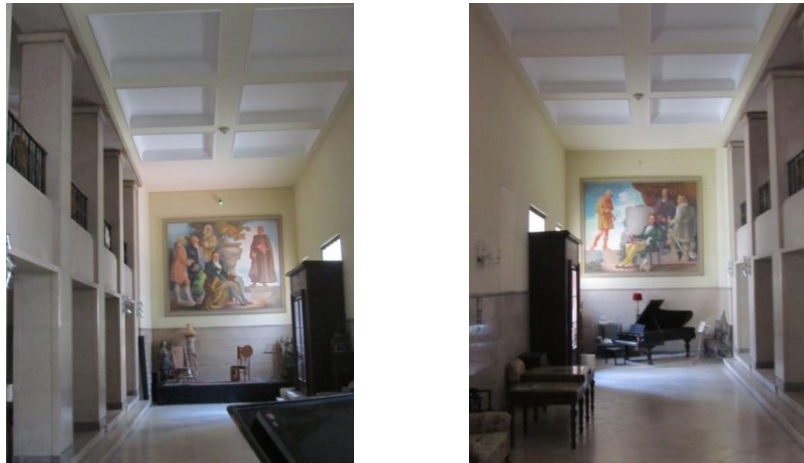


Figura 49 - Os dois extremos do foyer do Salão Nobre, resultado das últimas obras a serem realizadas por Raul Tojal na década de 40. (2015)

¹⁸ Morgado, C. (2002). Convento dos Caetanos / Conservatório Nacional. Obtido em 27 de Janeiro de 2015, de SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14263

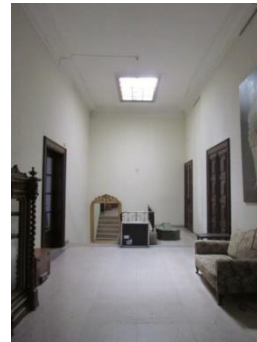


Figura 50 - .Sequência da escadaria pelos vários pisos do foyer do Salão Nobre.(2015)

Este registro fotográfico, presente nas figuras 49 e 50, retratam a alteração do foyer realizada por Raul Tojal já acima referido. São visíveis na figura 49 os guarda-ventos mencionados na descrição que Cláudia Morgado faz, e de seguida na figura 50, está a nova escadaria que percorre do átrio do foey até ao piso do camarote do salão Nobre, onde se encontra o Museu Instrumental. Torna-se assim importante este registo fotográfico que possibilita visualizar as diferenças do foeyr com as figuras 46 e 47.

Em 1971 são integradas novas escolas, através de projectos de reforma, no Conservatório: uma Escola de Cinema e outra de Educação pela Arte, mas devido à divisão do Conservatório em Escola de Música do Conservatório Nacional e em Escola de Dança do Conservatório Nacional no ano de 1983, a escola de cinema e a de teatro abandonaram as instalações.

O Conservatório Nacional nunca deixou de necessitar de novas obras. Desde a sua ocupação no antigo Convento dos Caetanos que a sua estrutura muda consoante as suas necessidades. Mas as últimas intervenções pararam na década de 40.

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.



Figura 52 - Carta de Risco do Conservatório Nacional (2003), Planta da Cave e piso de entrada - SIPA



Figura 53 - Carta de Risco do Conservatório Nacional (2003), Planta do primeiro piso e planta do último piso-SIPA

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.



Figura 54 - Carta de Risco do Conservatório Nacional (2003), Alçado Lateral Norte e Alçado Este de entrada - SIPA



Figura 55 - Carta de Risco do Conservatório Nacional (2003), Alçado Lateral Sul e Alçado a poente - SIPA

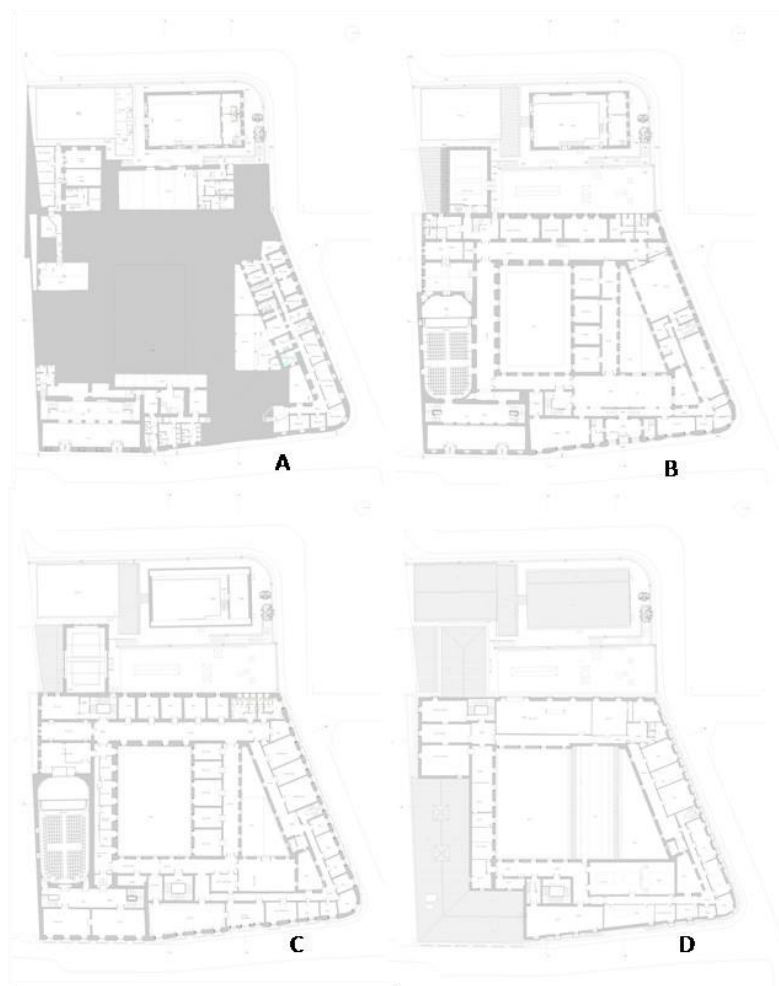


Figura 56 - Plantas actuais do Conservatório Nacional de Lisboa. (2003) A - Piso Cave, B - Piso térreo, C - Piso 1, D - Piso 2. - SIPA

Após a sobreposição da planta da figura 12 (resultado do que restou do Convento dos Caetanos com a extinção das Ordens Religiosas) com a planta da figura 46 (levantamento realizado por Raul Tojal), é possível perceber nesta, (figura 57) que da pré-existência quase nada restou senão o corredor que divide o Salão Nobre do pátio e o corpo que separa o pátio central do terraço nas trazeiras do Conservatório, representado a vermelho e tudo o que fora demolido representado a amarelo.

Nas figuras da página seguinte, encontram-se duas fotografias (figura 58 e 60) destes dois espaços provenientes do Convento dos Caetanos, acompanhados por plantas de localização (figura 59 e 60). Na figura 53, encontra-se a fotografia do corredor do primeiro piso pertencente ao modulo que divide o pátio central do terraço, este, é caracterizado pelo seu pavimento de madeira e o elevado pé-direito. De seguida na figura 60 está o corredor adjacente ao Salão Nobre no piso térreo, com o seu piso de pedra e novamente pé-direito elevado. Ambos os corredores das figuras 58 e 60, estão decorados com elementos provenientes não só dos primeiro tempor do Conservatório Nacional como também do Convento dos caetanos.

Depois da demolição da igreja em 1912, o edifício foi alterado quase por inteiro, ficando assim irreconhecível do que antes foi o Convento dos Caetanos. A fachada original do convento, fora substituída por uma fachada nobre em pedra já acima descrita.

No lugar da igreja como também no lado direito do Conservatório, virado para a Rua João Pereira da Rosa fora edificado um corpo novo constituído por várias salas. E como não sendo suficiente, o espaço do pátio teve de ser reduzido para a construção de um novo corpo no meio do Conservatório que liga o átrio ao corpo tardoz, resultando assim nos dois saguões existentes do edifício.



Figura 58 - Corredor do primeiro piso do Conservatório Nacional, proveniente do Convento dos Caetanos, localizado em planta na figura 53. (2015)

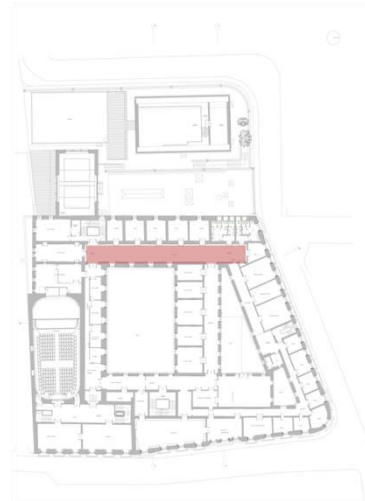


Figura 59 - Planta de localização do primeiro piso do Conservatório Nacional, com o corredor da figura 52. (2003) - SIPA



Figura 60 - Corredor do piso térreo do Conservatório Nacional, adjacente ao Salão Nobre, proveniente do Convento dos Caetanos, localizado em planta na figura 55. (2015)



Figura 61 - Planta de localização do piso térreo do Conservatório Nacional com o corredor da figura 54 assinalado (2003) - SIPA

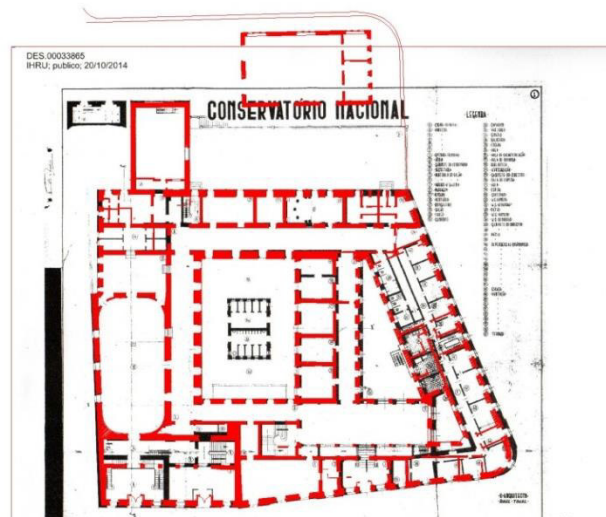


Figura 62 - Sobreposição da planta actual do Conservatório Nacional (figura 51, planta B) a vermelho, com a planta de de Raul Tojal a preto (figura 46), possibilitando perceber o que da planta de Raul Tojal já não existe.

Desde das obras realizadas por Raul Tojal no edifício até aos dias de hoje, pouco se alterou desde então. Acrescentou-se mais um anexo nas traseiras do edifício, a falta de espaço é constante e surgiu a necessidade de mais espaço.

O módulo com sanitários no centro do pátio fora demolido ganhando um espaço de convívio para os alunos.

A entrada do Salão Nobre alterou-se por completo, ganhando uma entrada muito ampla com um pé direito elevado com uma mesanine para o hall por onde se poderá subir, lateralmente, dos dois lados. No corpo virado para a Rua João Pereira da Rosa foi reduzido o numero de salas e os sanitários situados agora no encontro do modulo lateral da Rua João Pereira da Rosa com o modulo tardoz

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

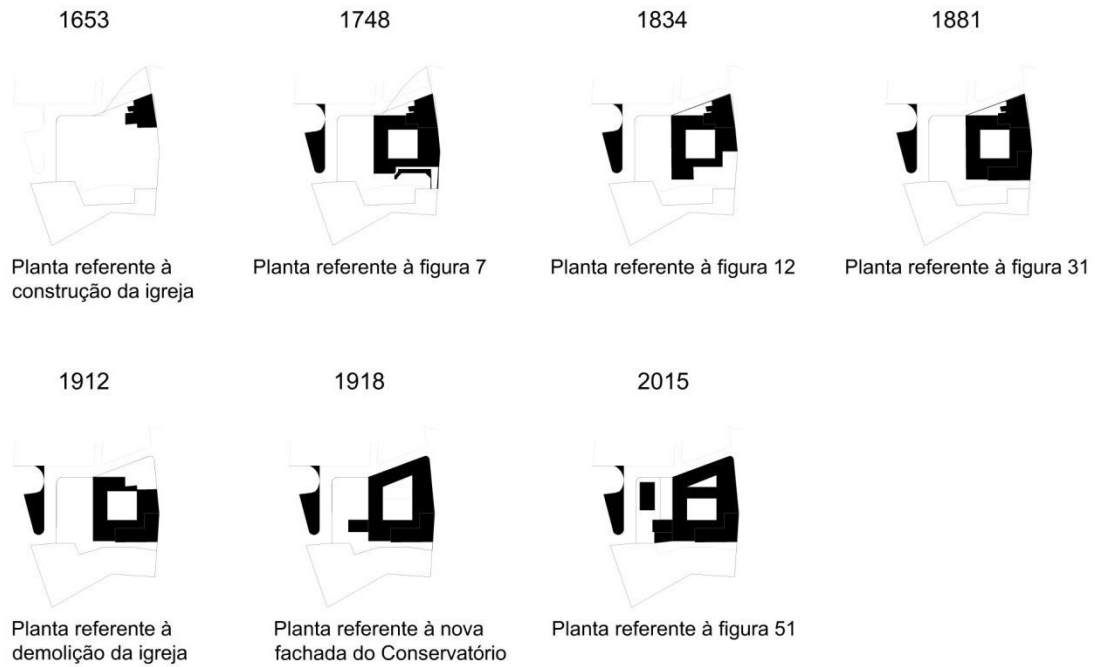


Figura 63 - Evolução cronológica do edifício do Conservatório Nacional.

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

Na figura 63 estão representadas, por ordem cronológica, as várias fases da evolução do edifício. Estão assim representadas esquematicamente as várias alterações sucessivas de que este edifício foi alvo desde a chegada dos padres teatinos.

Através deste registo, é preceptível o modo como este edifício se foi adaptando às necessidades tanto do Convento dos Caetanos como também, mais tarde, do Conservatório Nacional. Tornam-se também evidentes as alterações a que os limites do terreno foram sujeitas ao longo dos séculos, alterando-se consoante a evolução do edifício.

Separado do Conservatório está evidenciado o aparecimento do segundo edifício que mais tarde, no Séc.XX, vem a servir o Conservatório como escola de dança.

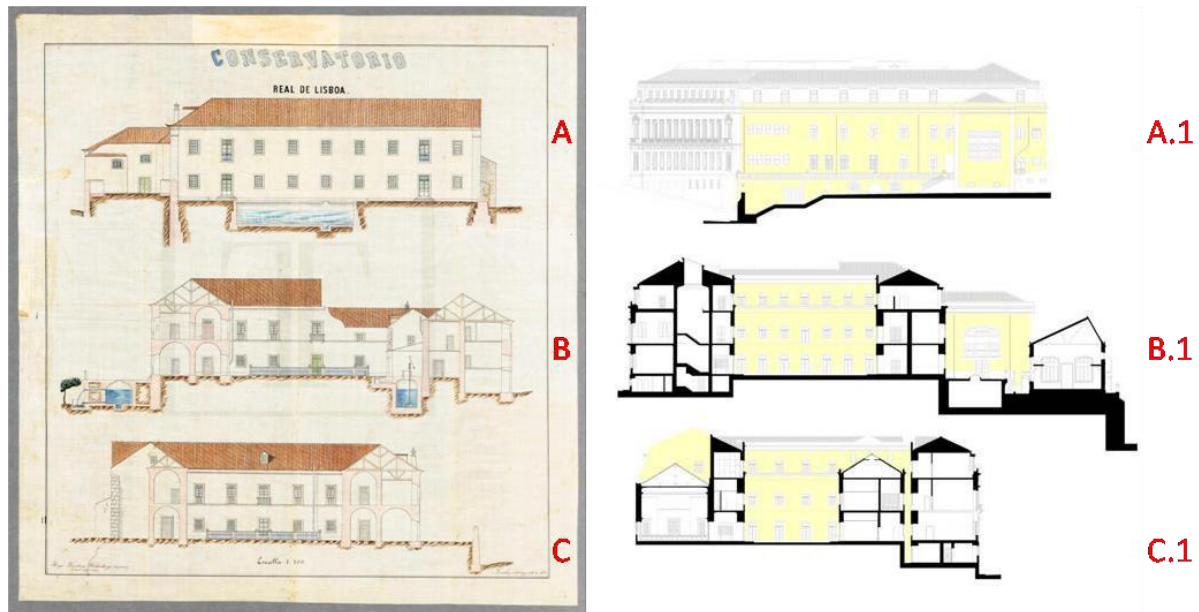


Figura 64 - Comparação dos cortes do Conservatório Nacional de 1870 do lado esquerdo com os cortes actuais no lado direito.

Comparando os primeiros tempos do Conservatório Nacional da imagem da esquerda de 1870 com os desenhos do seu estado actual (2015), é fácil concluir que em nada se assemelha com os seus primeiros tempos (figura 25).

O conservatório em 1870 (imagem da esquerda) ainda retratava fisicamente o antigo Convento dos Caetanos. Sem quaisquer alterações, ainda permaneciam nesta época os corredores abobadados presentes nos cortes B e C, a igreja a uma cota inferior ao Conservatório, representada no lado

esquerdo do corte A, aparecendo aqui as traseiras que ligavam a um espaço exterior em forma triangular.

Olhando para o alçado tardoz A.1, é visível uma grande diferença em relação ao alçado tardoz A, no lugar de uma igreja o Conservatório ganhou um corpo novo constituído por novas salas de ensino, com uma fachada nobre em pedra. Comparando os cortes B e B.1 é visível a ausência do poço e da cisterna no corte B.1. Nesse terraço, no lugar de jardins ou hortas que outrora ali existiram, encontram-se dois anexos ao Conservatório, visto o espaço existente não ser necessário, este expande-se desta forma. No pátio do Conservatório (corte C.1) é visível mais um anexo construído que atravessa o pátio criando assim um saguão em forma triangular, o que reduz a área do pátio.

Mas a primeira obra a ser realizada de modo a satisfazer as necessidades do Conservatório Real, foi o tão esperado Salão de Actos ou Salão Nobre, este encontra-se adjacente a esta escola, visível no canto esquerdo do corte C.1.

O Conservatório Real para além de se expandir horizontalmente, ainda acrescentou um piso em mansarda visível nos cortes A.1, B.1 e C.1.

8. Conclusão

Através da análise da documentação escrita, gráfica e fotográfica, encontrada nos arquivos, foi realizada uma análise da evolução construtiva do edifício que é hoje o Conservatório.

Foram encontrados desenhos de projetos que nunca foram realizados, como por exemplo a igreja de Guarino Guarini (figura 1 e 2) e uma planta de 1675 (figura 3) que apenas foi parcialmente construído, um alçado interior de Igreja (figura 9), bem como uma fachada de Igreja (figura 8) que não chegou a ser realizada devido ao terramoto de 1755, e umas propostas para teatro do século 19 (figura 17, 18, 19, 22 e 23).

Com a planta de Guilherme Paes de Menezes de 1748 (figura 5) relativa a uma proposta de remodelação para o Convento dos Caetanos foi possível perceber o que estava construído (pintado de vermelho) e o que estava projetado (pintado de amarelo) e o que tinha sido construído do projeto (pintado de vermelho escuro) (figura 6).

Visto não existir nenhuma planta topográfica com os limites delineados da planta de Paes de Menezes (figura 5), esta foi sobreposta na planta, da topografia de Lisboa, de Filipe Folque de 1856 (figura 14), o que possibilitou perceber que os limites da propriedade do convento tinham sido alterados após o terramoto de Lisboa. O edifício foi interrompido pela Rua João Pereira da Rosa, pertencendo parte ao quarteirão vizinho.

Com a ocupação do Convento pelo Conservatório Nacional em 1837, o edifício teve de se adaptar às necessidades desta nova instituição. A igreja foi demolida em 1912, foi construído um Salão Nobre e a nova fachada passou a ser em pedra.

O edifício sofreu tantas e tão grandes transformações ao longo dos tempos que atualmente, no anterior dificilmente se encontram vestígios do anterior convento, já completamente descaracterizado. O único vestígio existente do Convento dos Caetanos é o corredor adjacente ao Salão Nobre e o corpo perpendicular a este direccionado a Oeste.

Desde a época dos Teatinos com o plano de 1698, houve a tentativa de reabilitação do convento com uma nova Igreja mais ampla, sumptuosa e rica, mas após o terramoto de 1 de Novembro de

De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.

1755 essa obra foi interrompida e mais nada se fez desse projecto até à extinção das Ordens Religiosas em 1834.

O Conservatório Nacional veio a ocupar o Convento dos Caetanos em 1837 e desde então as sucessivas obras elaboradas, resultou numa transformação e descaracterização do edifício original. Pouco resta da construção do Convento dos Caetanos.

O edifício atualmente encontra-se em avançado estado de degradação, devido à falta de obras de manutenção há mais de setenta anos.

9. Bibliografia

- Almeida, P. (18 de Julho de 2013). *Rua dos Caetanos / Conservatório Nacional*. Obtido em 29 de Agosto de 2015, de Lisboa - Comparações com outros tempos: <http://lisboahojeeontem.blogspot.pt/2013/07/rua-dos-caetanos-conservatorio-nacional.html>
- Araújo, N., de Jesus Martins, J., & Martins Barata, J. (1938). *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Vega.
- Ayres de Carvalho, A. (1977). *Catálogo da Coleção de Desenhos*. Lisboa.
- Borges, M. J. (s.d.). *Breve Cronologia Histórica da Escola de Música do Conservatório Nacional*. Obtido em 3 de julho de 2015, de Meloteca: <http://www.meloteca.com/historico-cronologia-escola-de-musica-do-conservatorio-nacional.htm#cimo>
- Carita, H. (1994). *Bairro Alto Tipologias e Modos Arquitectónicos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Carvalho, A. d. (1971). *As obras de Santa Engrácia e os seus artistas*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.
- Castro, J. B., Grandpré, C., & Ameno, F. L. (1763). *Mappa de Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno .
- Ceia, S. B. (2010). *Os Académicos Teatinos no Templo de D.João V - Construir Saberes enunciando poder*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Coelho, S. O. (27 de Fevereiro de 2015). *Escola de Música do Conservatório Nacional: Entre o museu e a ruína*. Obtido em 24 de Maio de 2015, de Observador: <http://observador.pt/especiais/escola-de-musica-do-conservatorio-nacional-entre-o-museu-e-a-ruina/>
- Costa, A. c., & Destandes, V. d. (1706-1712). *Corografia Portuguesa e descriçam topografica do famoso reyno de Portugal*. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Destandes .
- Gomes, P. V. (1993). PENÉLOPE FAZER E DESFAZER A HISTÓRIA. *As Iniciativas Arquitectónicas dos Teatinos em Lisboa, 1648-1698 (mais alguns elementos)* , pp. 73-82.

Gomes, P. V. (2003). Se eu cá tivera vindo antes...Mármore italianos e barroco português. *Artis - Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, 181.

Guarini, G. (1686). *Disegni d'architettura civile et ecclesiastica*. Obtido em 2 de Abril de 2015, de Internet Archive: <https://archive.org/details/dissegnidarchite00guar>

Guarino, G. (s.d.). *[Convento da Divina Providência em Lisboa] [Visual gráfico] : [alçado, corte e planta]*. Obtido em 15 de Janeiro de 2015, de Biblioteca Nacional de Portugal: <http://purl.pt/25938>

HISTÓRIA E MISSÃO DA ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA. (s.d.). Obtido em 3 de Fevereiro de 2015, de Escola Superior de Teatro e Cinema: <http://www.estc.ipl.pt/escola/historia.html>

J.A.França. (1965). *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Bertrand.

Klaiber, S. (30 de Novembro de 2013). *Susan Klaiber*. Obtido em 9 de Fevereiro de 2015, de Susan Klaiber: <https://susanklaiber.wordpress.com/2013/11/30/altered-states-an-early-version-of-guarinis-lisbon-section-plate/>

Loureiro, C., Fragozo d'Almeida, R., Sales, P., Cristina Leite, A., & Almeida Bastos, M. (23 de Novembro de 2010). *Lisboa à beira do Terramoto*. Obtido em 5 de Fevereiro de 2015, de Sétima Colina: <https://setimacolina.wordpress.com/category/museus/>

Martins, R. (1944). Velhos mosteiros de Lisboa: Dos teatinos ao Conservatório. *Diário de Notícias*.

Morgado, C. (2002). *Convento dos Caetanos / Conservatório Nacional*. Obtido em 27 de Janeiro de 2015, de SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14263

Múrias, M. M. (1996). *Chiado do Século Xii ao 25 de Abril*. Lisboa: Nova Arrancada.

Pereira, J. F.-., Pereira, P. 1.-., & Palma, M. f. (1989). *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Presença.

Pereira, L. G. (1927). *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.

Projecto de resolução n.º391/X - Salão Nobre da Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa. (10 de Outubro de 2008). Obtido em 12 de Junho de 2015, de Partido Comunista Português: http://www.pcp.pt/joomla/index.php?option=com_content&task=view&id=32671&Itemid=120

Silva, A. C. (s.d.). *TINOCO, João Nunes, ca. 1610-1689*. Obtido em 22 de janeiro de 2015, de Biblioteca Nacional Tesouros: <http://purl.pt/369/1/ficha-obra-tinoco.html>

Sousa, A. D. (1846). *Memória histórica sobre a fundação do hospício da invocação de Nª Sª da Divina Providência, o qual pertenceo aos clérigos regulares theatinos, actualmente Conservatório Real de Lisboa / pelo abbade A. D. de Castro e Sousa*. Lisboa: Typ. da Hist. d'Hispanha.

10. Anexos

10.1 Anexo A

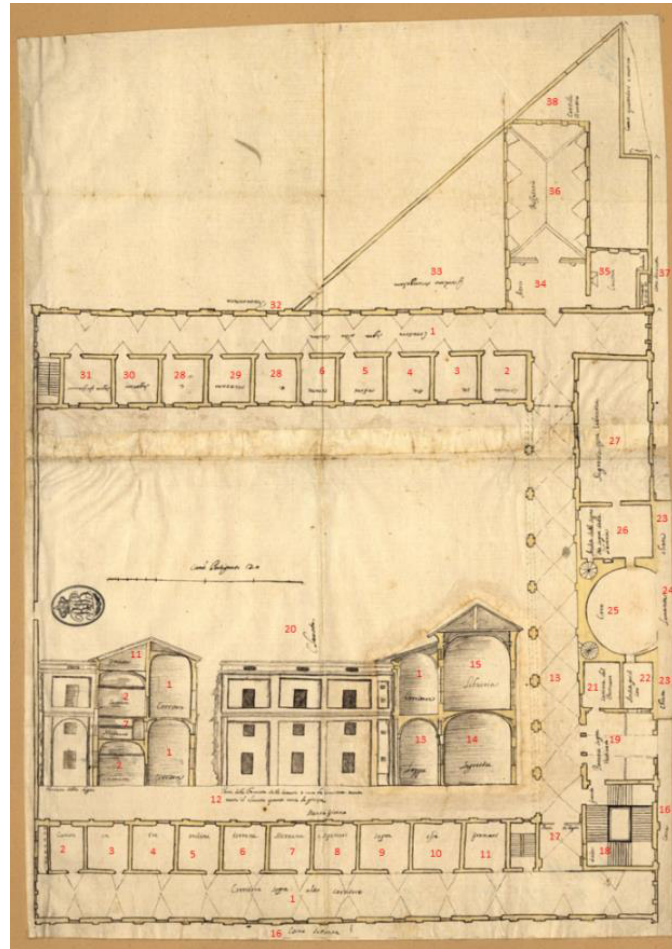


Figura 6 - Planta e corte desenhados por Guarini para o Convento dos Caetanos (1675-1683). Desenho parcialmente realizado - BNP

Legenda da figura 3: - Corritore sopra altro corritore (Corredor com outro corredor acima); 2,3,4,5,6- Camare un tre ordini terrene (Quartos em três ordens terrestre); 7-Mezanine; 8-???; 9- Sopra (Acima); 10-???; 11- Granari (Onde guardavam o grão??; 12- Parte della Fasciata delle camere o neso de corritore tanto verso il claustro quanto verso le piazze (Parte da fachada dos quartos ??? tanto no claustro como nas praças); 13- Loggra (Corredor exterior); 14- Segrestia (Sacristia); 15- Libreria (Biblioteca); 16- Cane (Palmos); 17- Parte di legro (Parte em madeira); 18- Scada (Escada); 19- Portaria sopra vestiaria (Portaria com Vestiário acima); 20- Claustro; 21- Camera del portinaro (Quarto do porteiro); 22- Andro per il Coro (Espaço pequeno, gabinete de apoio ao Côro); 23- Chiesa (Igreja); 24- Leuande (Oriental); 25- Côro; 26- Andiro della segrestia sopra della libreria (Espaço de apoio e passagem para a sacristia); 27- Segrestia sopra libreria (Sacristia com Biblioteca acima); 28-e; 29-Mezanine; 30- Supericori (Acima); 31- Sopra effranari (Acima fica onde guardam o grão); 32- Framontana (Vento Norte); 33-Giardino triangulare (Jardim triangular); 34- Atrio; 35- Cicina (Cozinha); 36- Refettorio (Refeitório); 37- Cane diecisette (Dezassete palmos); 38- Cortile Rustico (Espaço exterior fechado).

Legenda da figura 5: «Do que está feito: A-Igreja da Nossa Senhora da Divina Providência; B-Coro; C-Capella do Senhor Jesus; D-Sanchristia; E-Cazas de despejos da Igreja; F-Portaria; G-Aulla de Filosofia (sic); H-Sallas vagas; I-Cozinha; K-Cazas de despejos, a ella pertencentes; L-Refeitório e por cima a Livraria; M-Claustro; N-Dormitório do Pavimento de baixo; O-Cellas, ou &c. do pavimento baixo; P-Varanda; Q-Caza de varios moradores, com frontradas pelos extremos; R-Quintaes pertencentes a ellas, comfrontadas da mesma sorte.» «Do que estava projectado: 1-Porticu; 2-entradas p.^a as tribunas das senhoras; 3-Porta da Igreja; 4-Corpo da Igreja; 5-Capella môr; 6-Coro; 7-portas do Coro para a Sancristia, e para o corredor; 8-cardencias; 9-Portas para o corredor, e via Sacra; 10-Via Sacra; 11-Sancristia; 12-Corredor; 13-Dormitorio de baixo; 14-Cellas, ou &c. de baixo; 15-refeitório; 16-Ministra; 17-Lavatorio; 18-Despença; 19-Cozinha; 20-Escada do pavimento da Igreja, para o Dormitorio feito; 21-Escada para o Dormitorio de cima; N-Dormitorio do Dormitorio de baixo; O-Cellas no Pavimento baixo; 22-Portaria, onde hoje he o que mostra as Letras G.F; 23-Aulla, onde hoje mostra ser a Letra K; 24-Escada para o Corredor de cima; 25-Portaria do Noviciado; 28-Oratorio do Noviciado; 29-Sua Sanchristia; 30-Lugares do Noviciado; 31-Lugares da Comonidade do corredor baixo e alto cada hum em seu pavimento; 32-Corredor para os Lugares; 33-Triangulo; P-Varanda; 34-Escada interior, para o pavimento do Portico e Corredor; M-Claustro; 35-Escadas para as Tribunas»

10.3. Anexos C

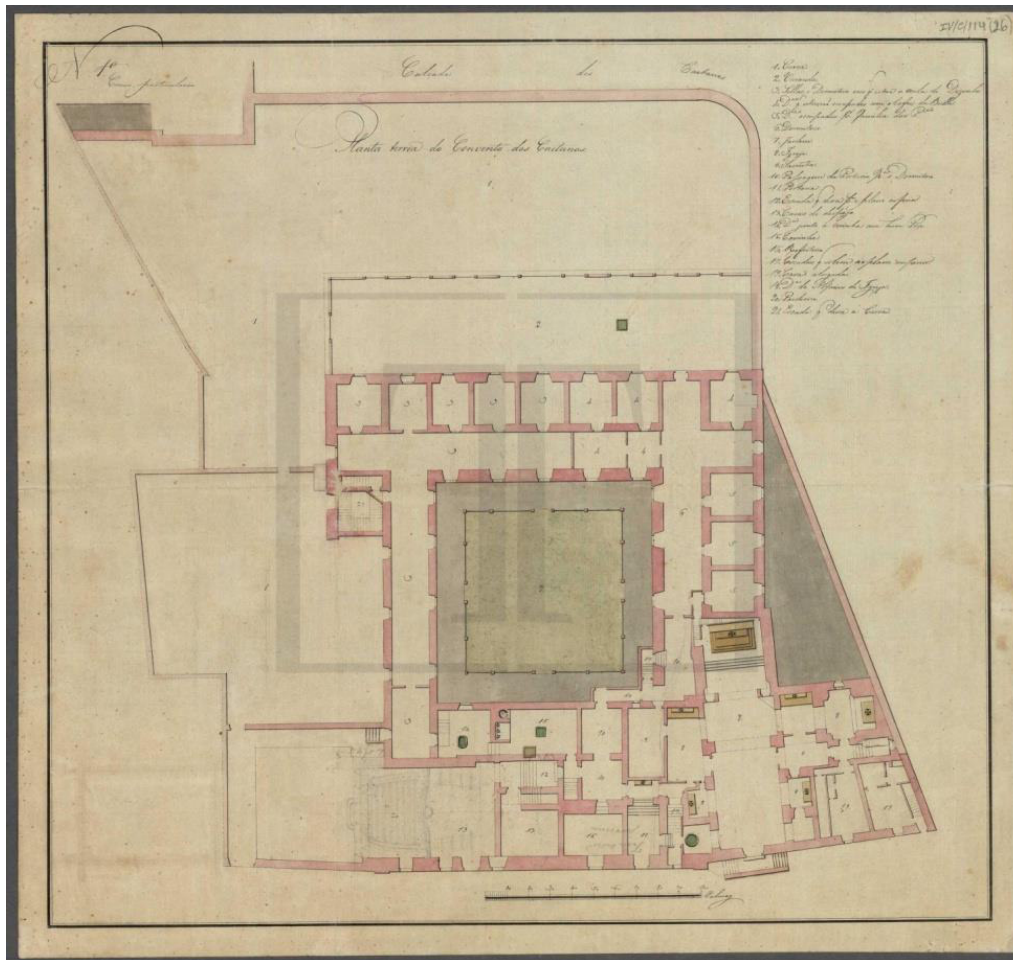


Figura 12 - Planta Térrea do Convento dos Caetanos resultante do levantamento militar realizado após a expulsão das Ordens Religiosas.- ANTT

Legenda da figura 12: 1-Cerca; 2-Varanda; 3-Cellas e Dormitorio em que esteve a aula do Dezenho; 4-Dormitorios que estiveram ocupados com o cofre da Cella?; 5-Dormitorio; 6-Dormitorio; 7-Jardins; 8-Igreja; 9-Sacristia; 10-Passagem da Portaria para o Dormitorio; 11-Portaria; 12-escada que desce para o plano inferior; 13-casas de despejo; 14-Despensa junto à cozinha com hum poço; 15-Cozinha; 16-Refeitório; 17-Escadas que sobem ao plano superior; 18-Casa alugada; 19-Despensa de alfaiar? da Igreja; 20-Pardieiro; 21-Escada que desce à cerca.

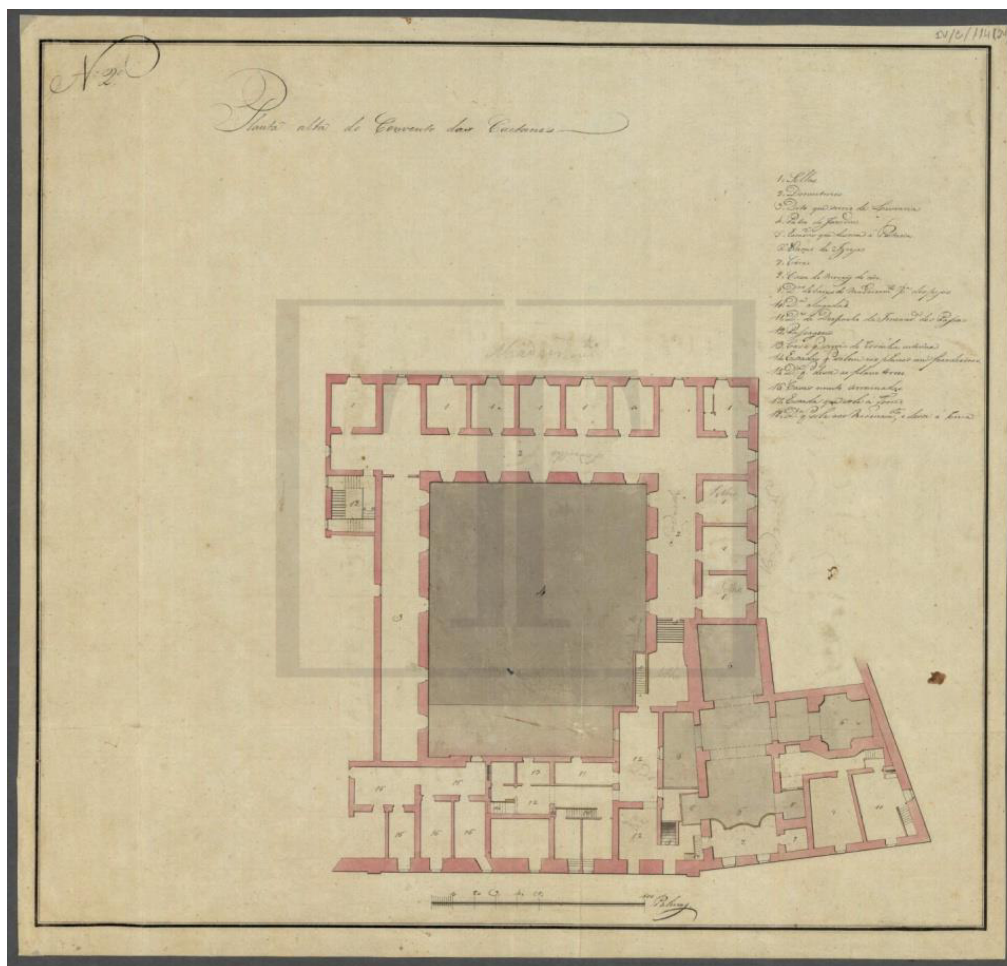


Figura 13 - Planta Alta do Convento dos Caetano resultante do levantamento militar realizado após a expulsão das Ordens Religiosas. - ANTT

Legenda da figura 13: 1-Cellas; 2-Dormitorios; 3-Dito que servia de Livraria; 4-Pateo do Jardim; 5-Escadas de descem à Portaria; 6-??? Da Igreja; 7-Côro; 8-casa de ??? do côro; 9-Dispensas de baixo do ??? despejos; 10-Dispensa alugada; 11-Dispensa de despacho da ???; 12-Passagens; 13-casa que servia de cozinha ???; 14-Escadas que sobem aos planos Pardieiros; 15-Dispensa que desce ao Plano térreo; 16-Casas muito arruinadas; 17-Escadas que sobe à torre; 18-Dispensa que sobe aos??? e desce à cerca.

Legenda da figura 17: «Explicação da planta N^o1: 1-Caixa do theatro; 2-Crocenio??; 3-Lucal para a Orquestra; 4-plateia; 5-Entrada para a mesma; 6-Frizas??; 7-Corredores de passagem; 8-Escada que sobe para a Tribuna Real; 9-?? que sobe para a primeira ordem de camarotes e sobe a qual tem serventia as outras duas ordens; 10-Sallão da entrada; 11-Entradas para o plano baixo; 12-Portas d'entrada; 13-Caza para o Camaroteiro; 14-Dispensa para despejos, e a onde se pode ??? escada quando seja preciso haver andar por cima do sallão; 15-Grande caza que pode ser dividida em camarins; 16-Escada para subir aos planos altos que é susceptivel haver mais dois para o mesmo fim; 17-Latrinas para os empregados do Theatro; 18-Entrada particular do conservatório; 19-Dispensa para objectos volumosos; 20-Lucal dos arcos das Capellas, as quais se devem tapar podendo servir as mesmas para camarim, dando-lhe a serventia por dentro.» «Explicação da planta N^o2: 1-Tribuna Real; 2-Camarim Real; 3-Escada para a dispensa; 4-Dispensas que sobem para a segunda ordem; 5-Corredores de passagem; 6-Salla que se pode dividir para camarim e guarda roupa; 7-Camarotes.»

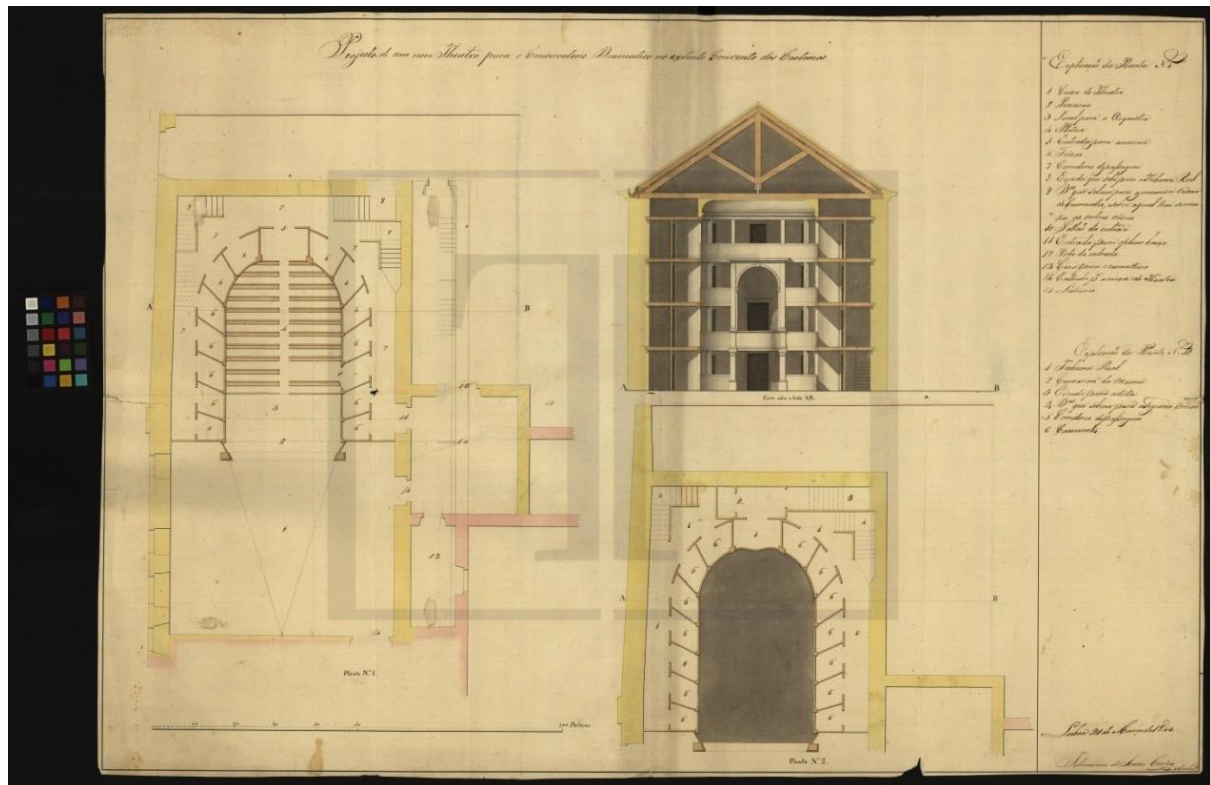


Figura 18 - 21 de Março de 1840 - Projecto de um novo teatro para o conservatório dramático no extinto Convento dos Caetanos por Architecto Feliciano de Sousa Corrêa - ANTT

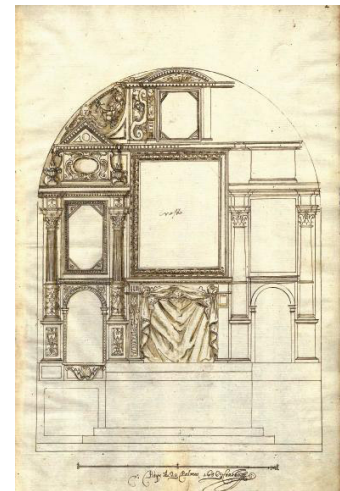
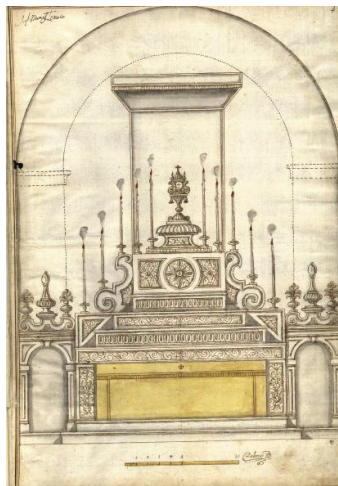
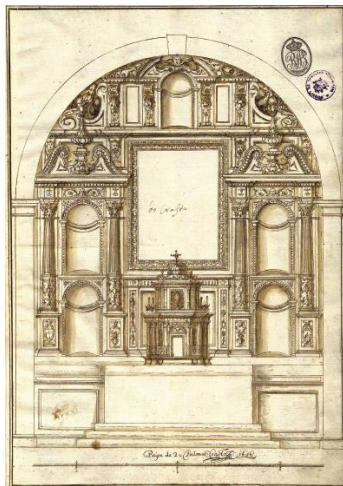
Legenda da figura 18: «Explicação para a planta N^o1: 1-Caixa do teatro; 2-Crocenio??; 3-Lual para a Orquestra; 4-plateia; 5-Entrada para a mesma; 6-Frizas; 7-Corredores de passagem; 8-Escada que sobe para a Tribuna Real; 9-Dispensas que sobem para a primeira ordem de camarotes e sobe a qual tem serventia as outras duas ordens; 10-Sallão da entrada; 11-Entradas para o plano baixo; 12-Portas d'entrada; 13-Caza para o Camaroteiro; 14-Entrada para a caixa do Theatro; 15-Satrinhas» «Explicação da planta N^o2: 1-Tribuna Real; 2-Camarim Real; 3-Escada para a adilta??; 4-Dispensas que sobem para a segunda ordem; 5-Corredores de passagem; 6-Camarotes.»

95

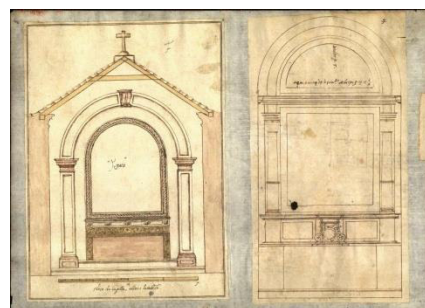
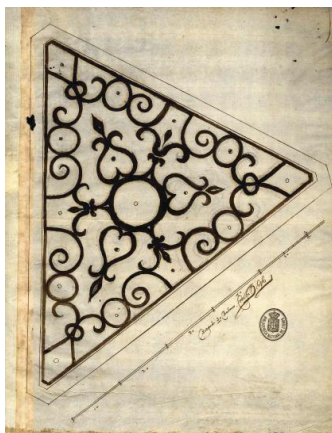
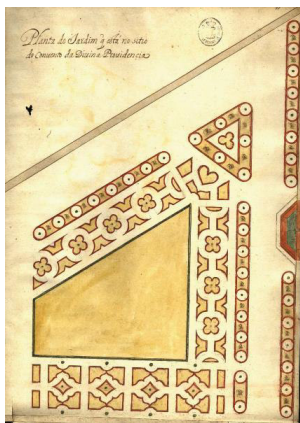
Legenda da figura 19: «Explicação para a planta Nº1: 1-Caixa do Theatro; 2-Proscenio??; 3-Lucal para a Orquestra; 4-plateia; 5-Entrada para as mesmas; 6-Frizas; 7-Corredores de passagem; 8-Escada que sobe para a Tribuna Real; 9-Dispensas que sobem para a primeira ordem de camarotes e sobe a qual tem serventia as outras ordens; 10-Sallão da entrada; 11-Entradas gerais; 12-Caza para o Camaroteiro; 13-Dispensa para despejo; 14-Passagem para o Conservatório para ??? do Theatro; 15-Entrada principal» «Explicação da planta Nº2: 1-Tribuna Real; 2-Camarins; 3-Escada para a mesma??; 4-Dispensas que sobem para a segunda ordem; 5-Cazas dispensas para diversos uzos; 6-Corredores de passagem; 7-Camarotes.»

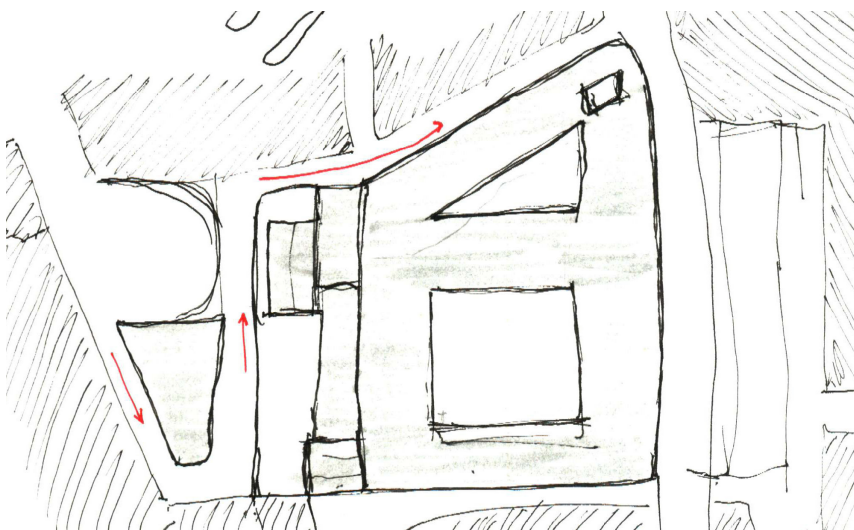
10.5. Anexo E

Plantas e desenhos para uma igreja. Parece ser dos Padres Theatinos. Planta do jardim que está no sitio do Convento da Divina Providência. Original.-Vê-se n'algumas folhas a assignatura «Castro» com a data 1656. Outras são assignados por «João Nunes Tinoco». No verso da fl. 10 uma nota dirigida ao Padre D.Antonio, talvez ao Padre D.Antonio Ardizzone (?).- I vol. In-fol. De II fl., encad. (A. 6-42)

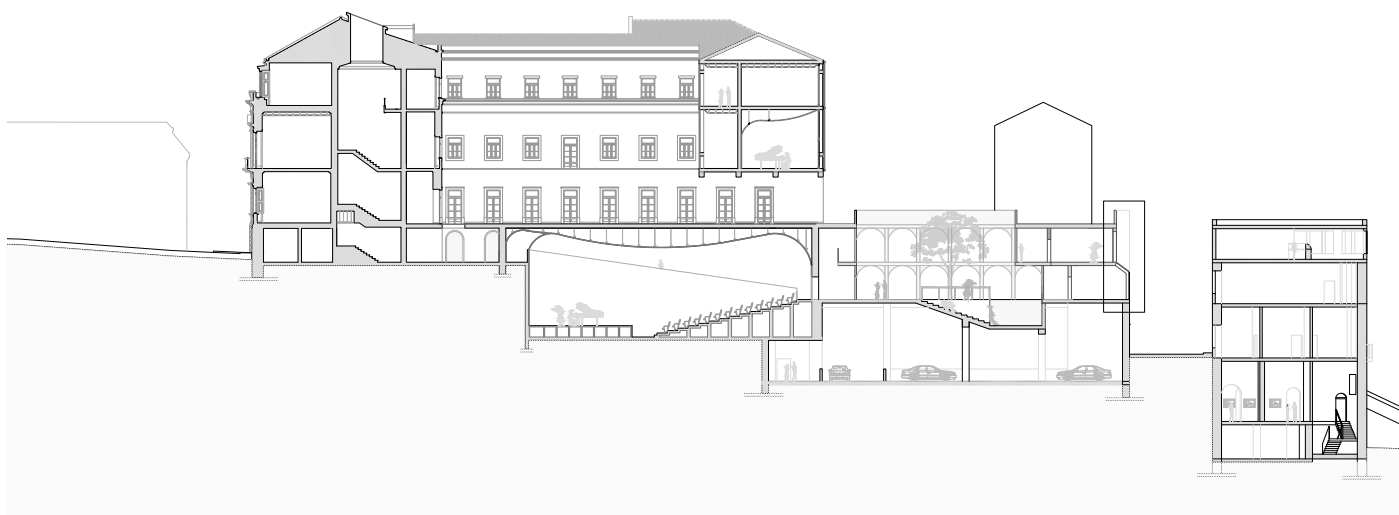


De Hospício e Convento dos Caetanos a Conservatório Nacional.



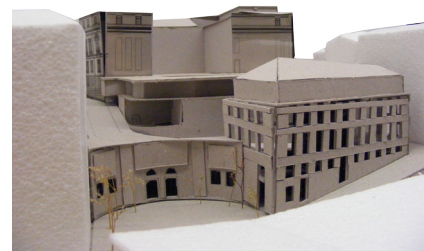
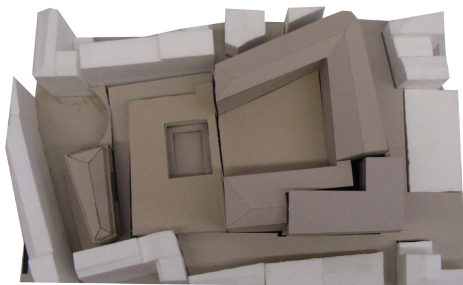
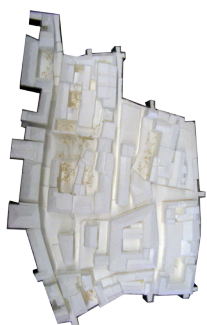


A Cidade e a Música | Conservatório nacional de Música de Lisboa

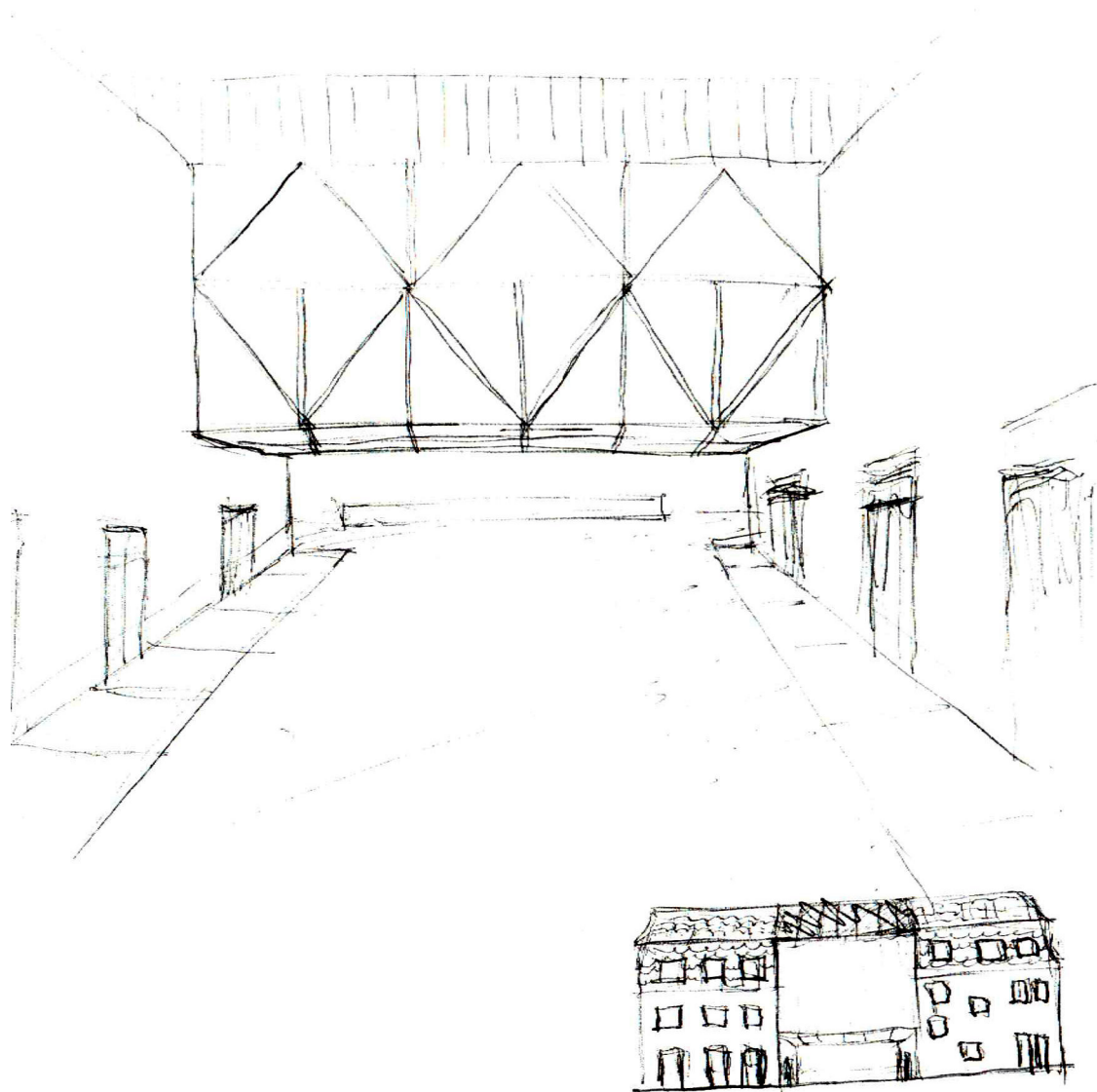


Corte A

50 10 0



Apresenta-se um Resumo do Projecto de arquitectura da vertente prática
Tutor: Arquitecto José Neves
2015



Maquetes e Esquços de estudo

Memória Descritiva

A proposta que se apresenta é referente aos dois edifícios que constituem o Conservatório Nacional de Lisboa. Localizado na malha urbana do Bairro Alto, o edifício que alberga a escola de música do conservatório tem os seus limites definidos pela Rua João Pereira da Rosa, bem como pela Rua dos Caetanos. Já o edifício correspondente à escola de dança, localizado em frente, encontra-se junto à Rua do Século, um dos principais arruamentos que constituem o Bairro Alto.

Uma das bases fundamentais desta intervenção prende-se na regeneração do edifício do Conservatório Nacional em relação à Rua dos Caetanos, que delimita a sua fachada nobre. Nesse local, é proposta uma pequena praça, através da demolição de uma parte do edifício pertencente hoje em dia Interpress, nomeadamente de uma zona de garagens, bem como o edifício que lhe segue, criando assim uma nova ligação pedonal com a Rua Luz Soriano. E gerando também um local de permanência amplo e desafogado para os estudantes do conservatório.

Esta praça passa assim a servir tanto a entrada principal do conservatório como do já existente salão nobre. O conservatório recebe também um segundo auditório cujo acesso é feito não só pelo foyer do salão nobre, como também a partir da Rua João Pereira da Rosa, que faz a divisão entre os dois edifícios intervencionados.

Os acessos no conservatório organizam-se então através de circulações verticais que fazem a ligação entre o pré-existente do conservatório com a sua parte nova, enquanto que as circulações horizontais são feitas em torno de dois pátios centrais, um novo e outro já existente, deixando todo o programa junto das fachadas exteriores do edifício.

No que toca ao pátio já existente no conservatório, é subtraído o volume do edifício correspondente à área oeste do mesmo, por forma a alargar a área de recreio escolar, bem como para o abrir à cidade. No lugar deste volume subtraído é construído um novo, ao nível do segundo piso, sob uma estrutura metálica de treliças que alberga uma parte do programa correspondente a salas de aulas práticas.

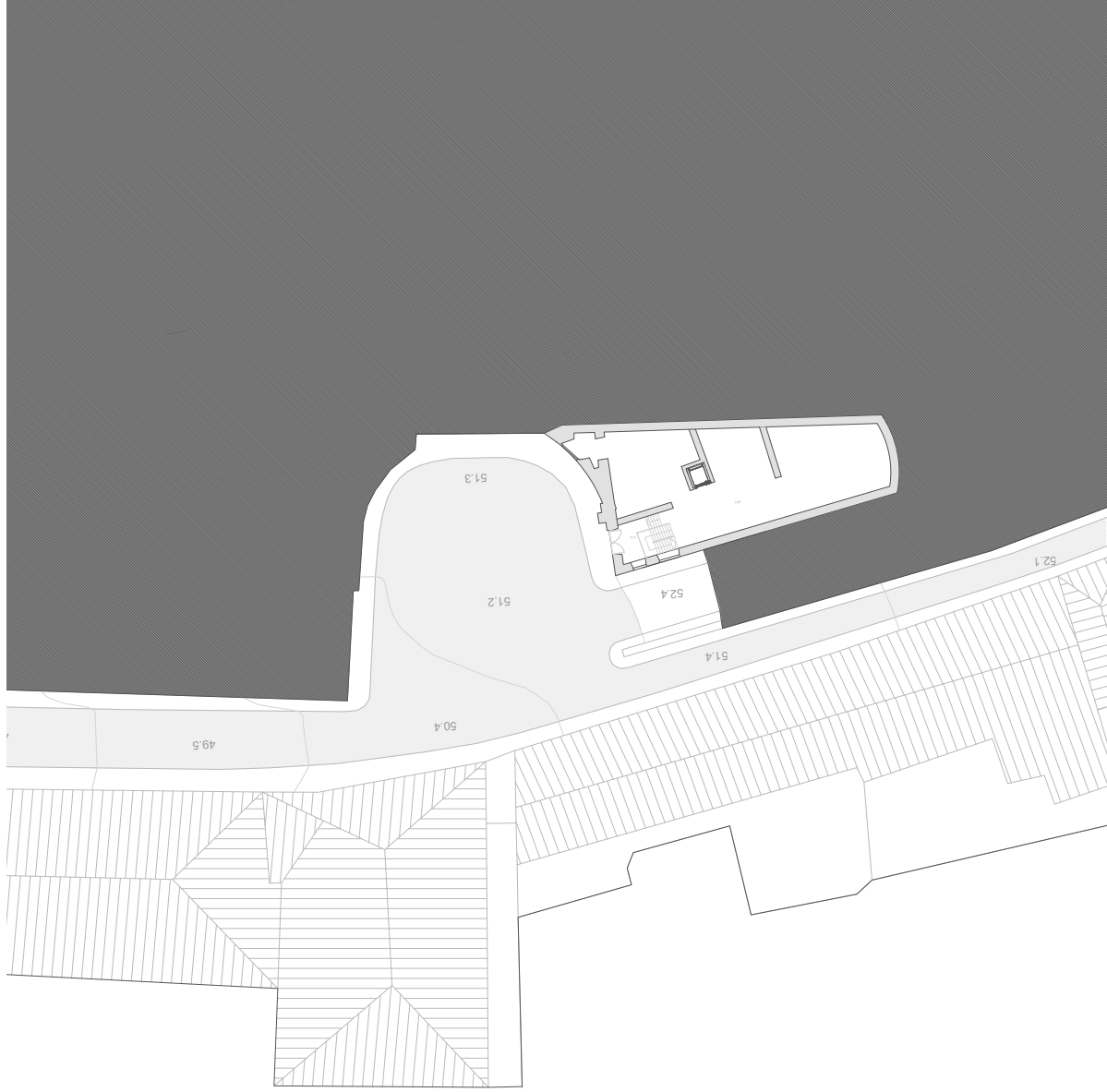
É importante também referir o vão, em vidro, que é aberto na laje do antigo pátio do conservatório,

junto à fachada pré-existente, com o objectivo de iluminar os novos corredores propostos por baixo deste, que não só ligam o novo auditório às restantes partes do edifício como também fazem o acesso para o novo pátio proposto a uma cota mais baixa.

Em relação ao antigo edifício da escola de dança, que mantém apenas a sua antiga fachada, é completamente reestruturado no seu interior, com uma nova estrutura e organização espacial. Tendo como foco principal o espaço de museu, que se organiza em torno de um grande vão, que acompanha o edifício verticalmente funcionando, em simultâneo, como acesso principal do edifício através de uma grande escadaria em espiral. Tendo como topo o café concerto previsto no programa, com vista sobre a cidade de Lisboa.



Ortofotomapa da cidade de Lisboa com indicação do local de projecto | Conservatório de Música de Lisboa
Sem Escala

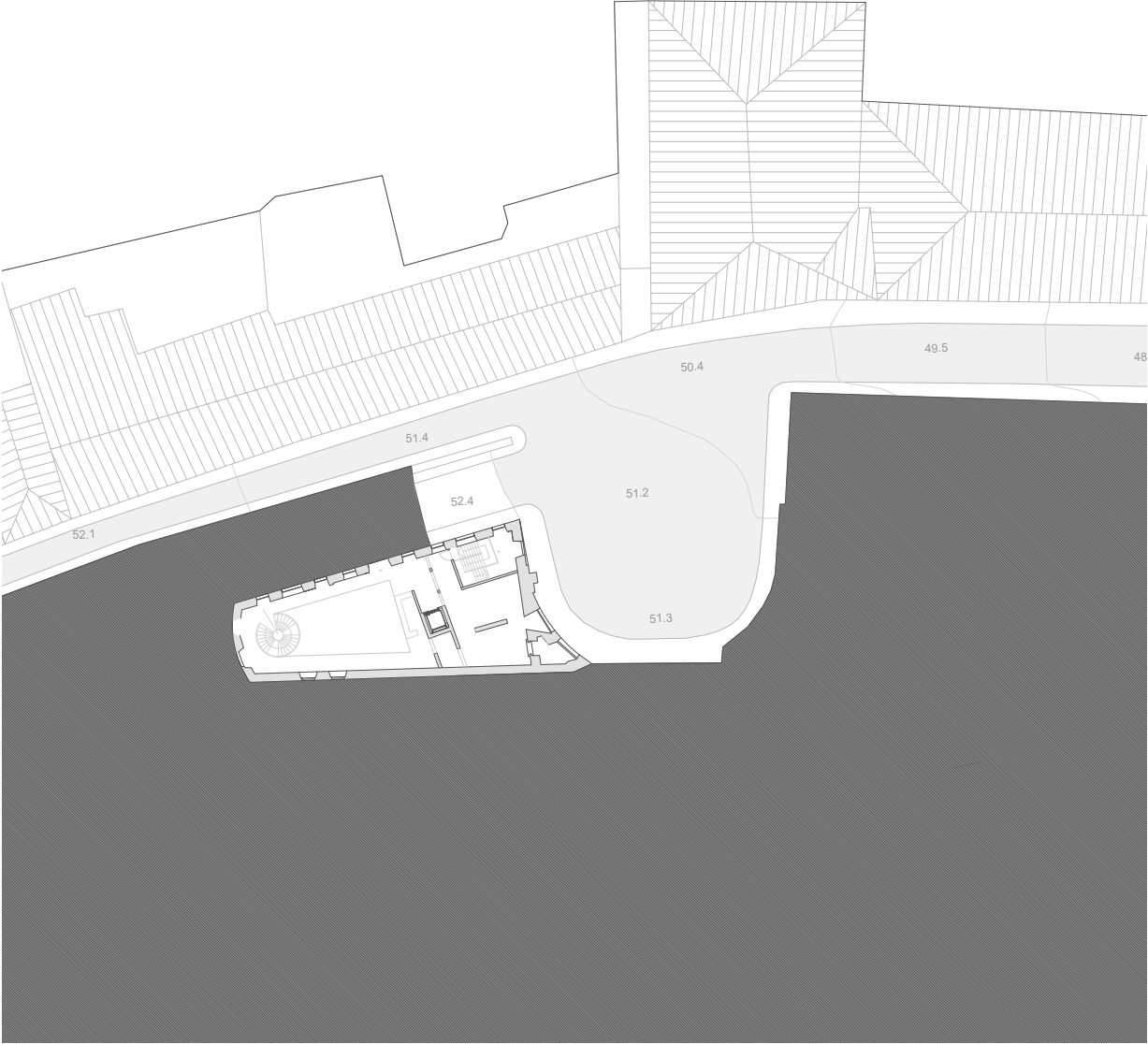


Planta cota 51.00



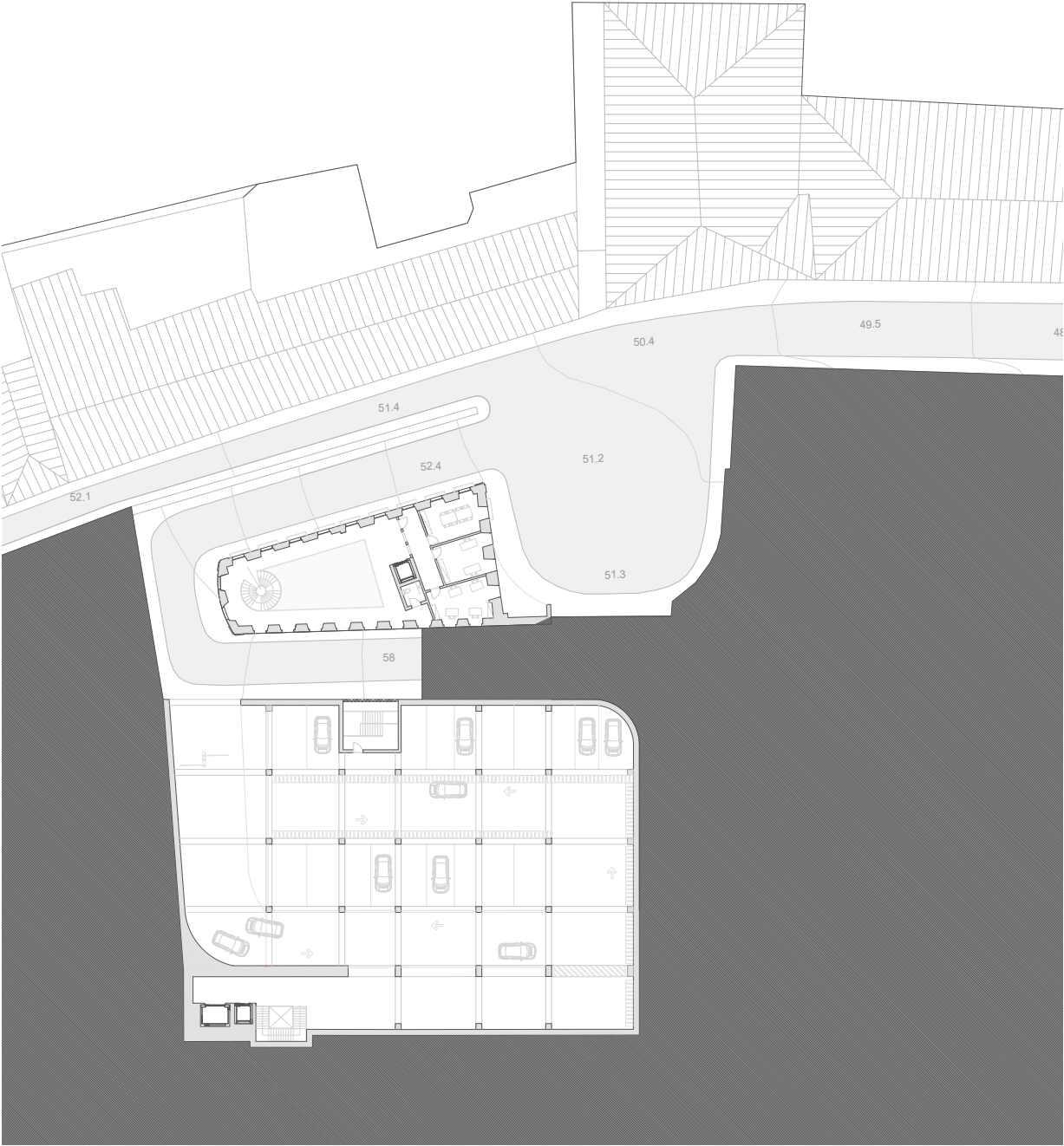
106





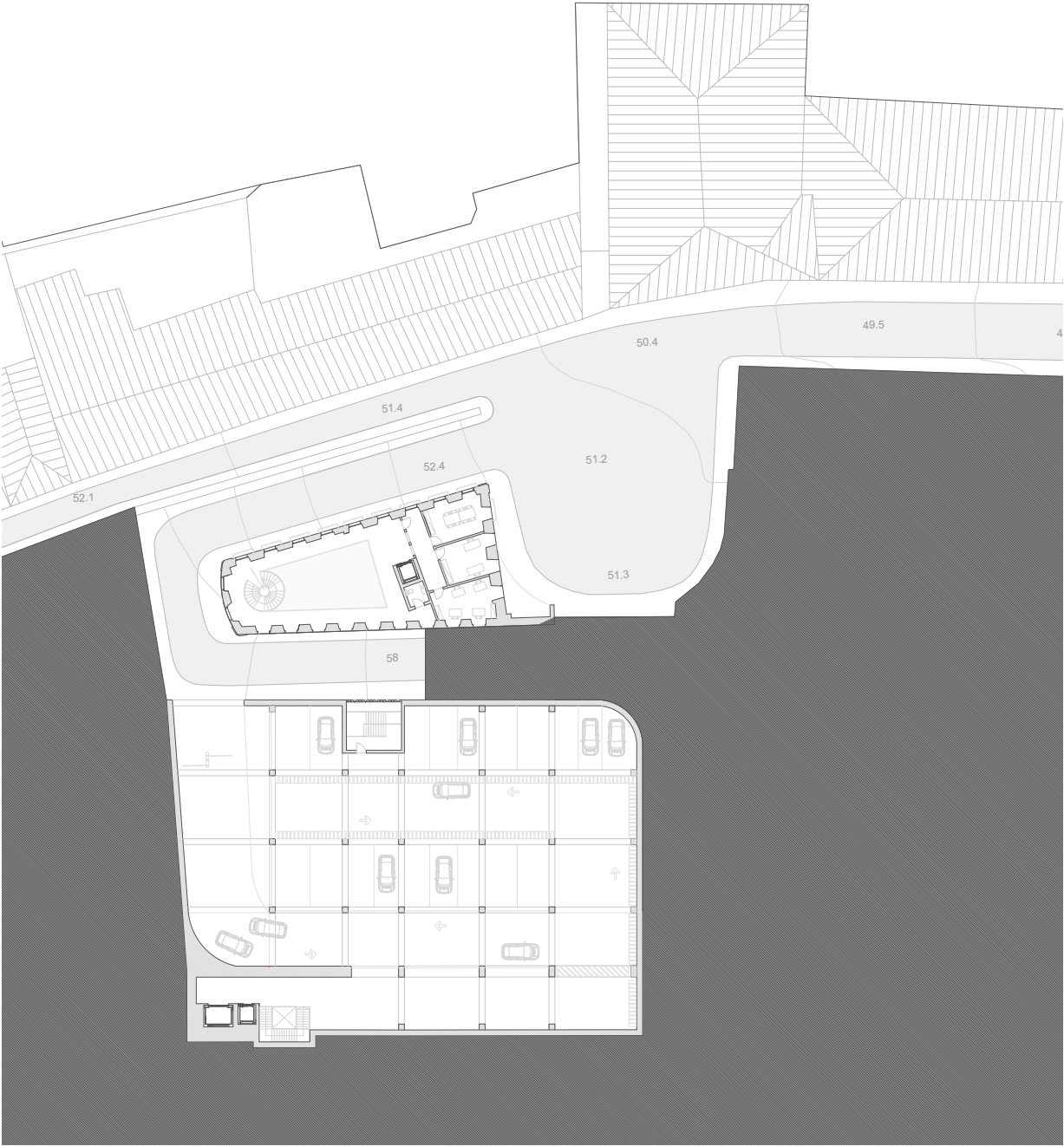
Planta cota 53.00





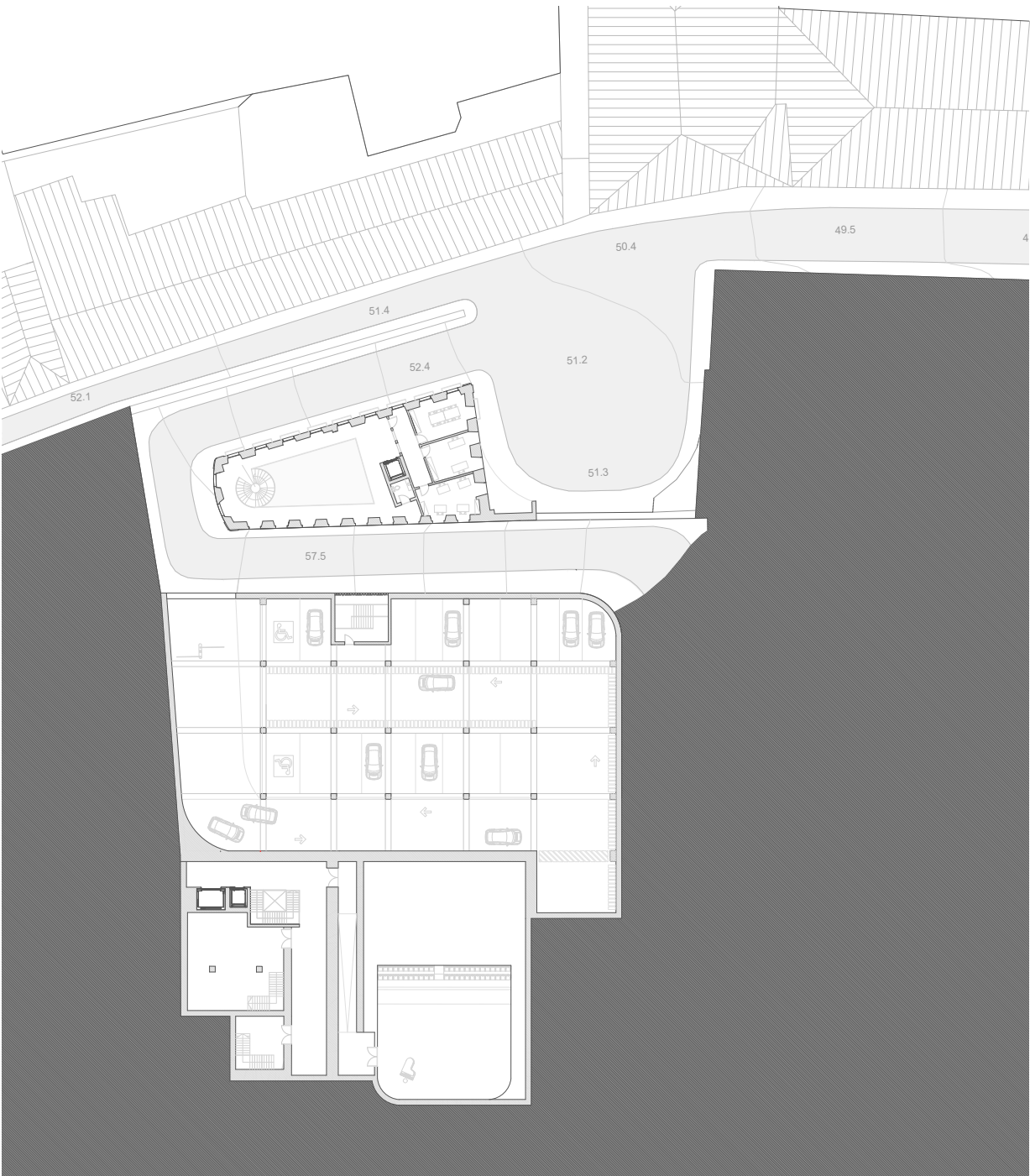
Planta cota 58.00





Planta cota 56.50





Planta cota 61.00

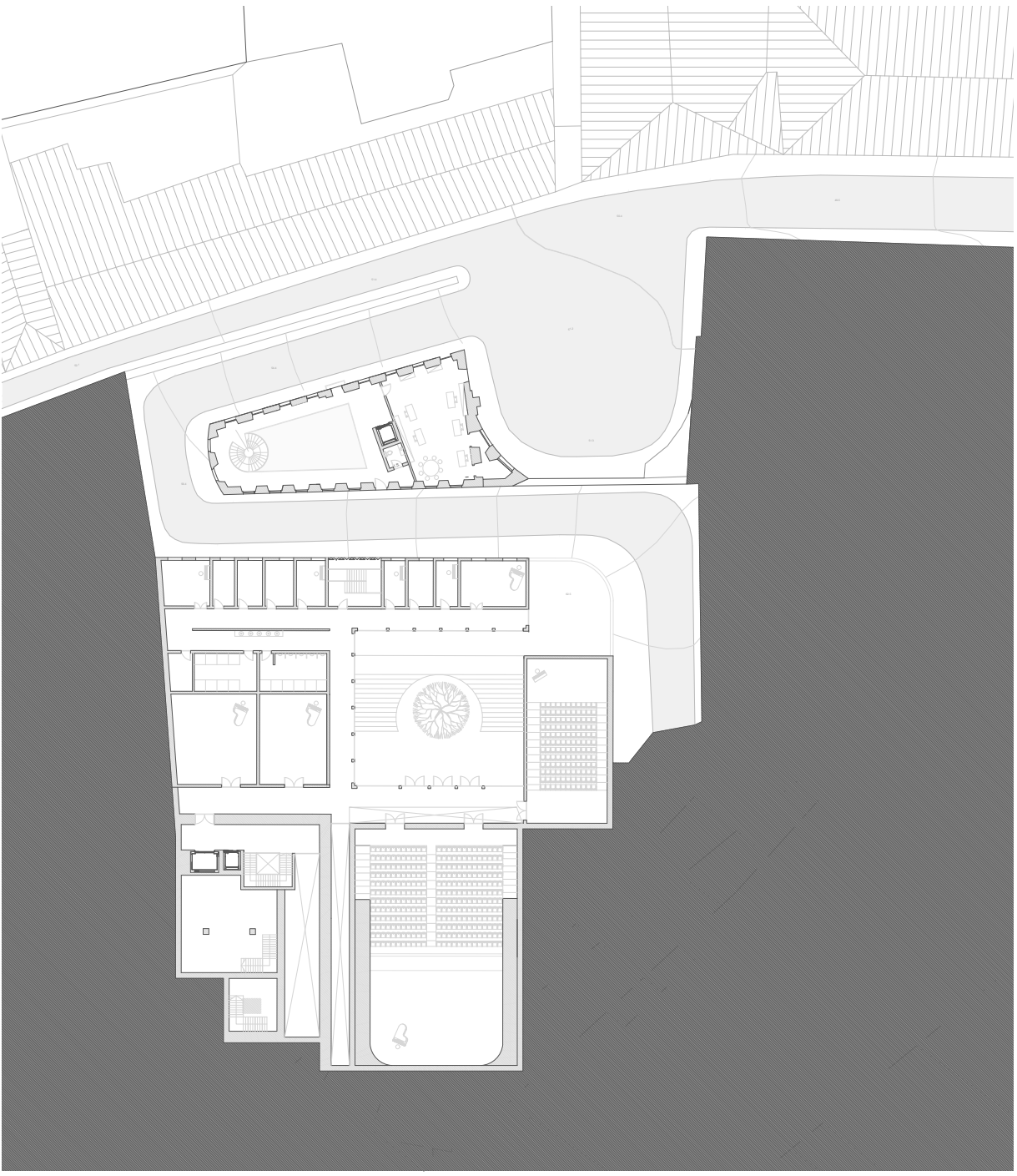
50

10

0

110



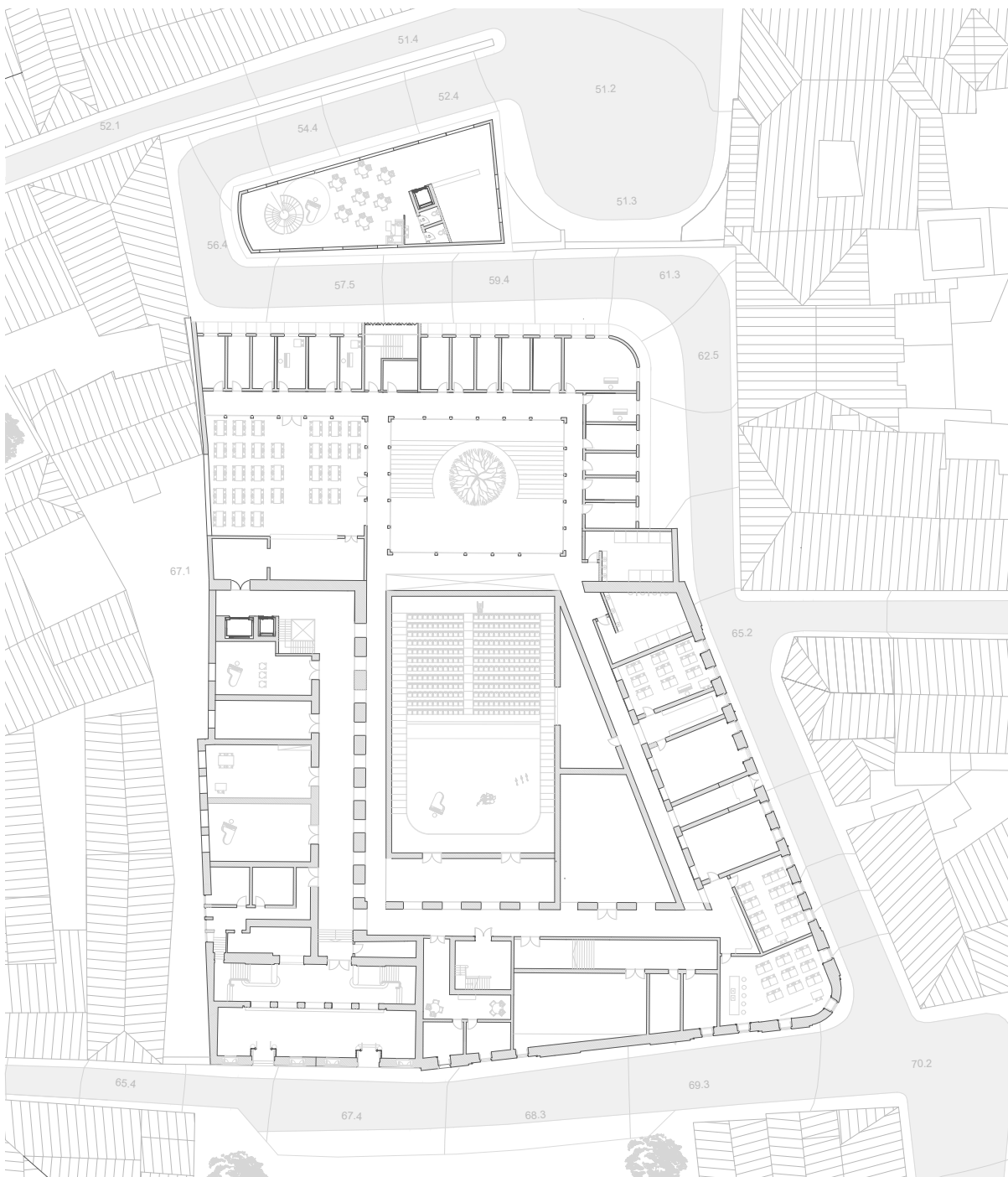


Planta cota 64.50



111





112

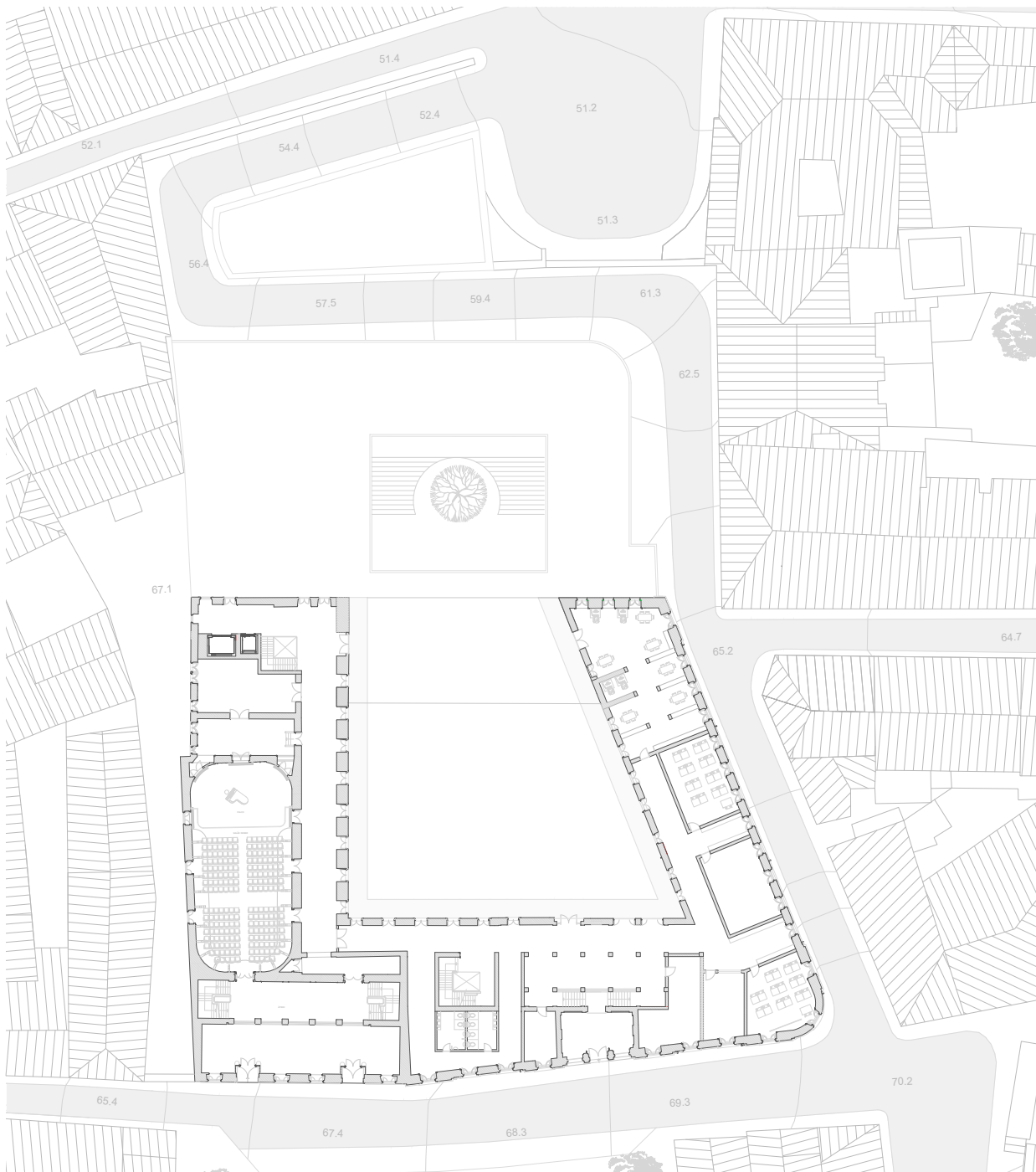
Planta cota 67.50

50

10

0





113

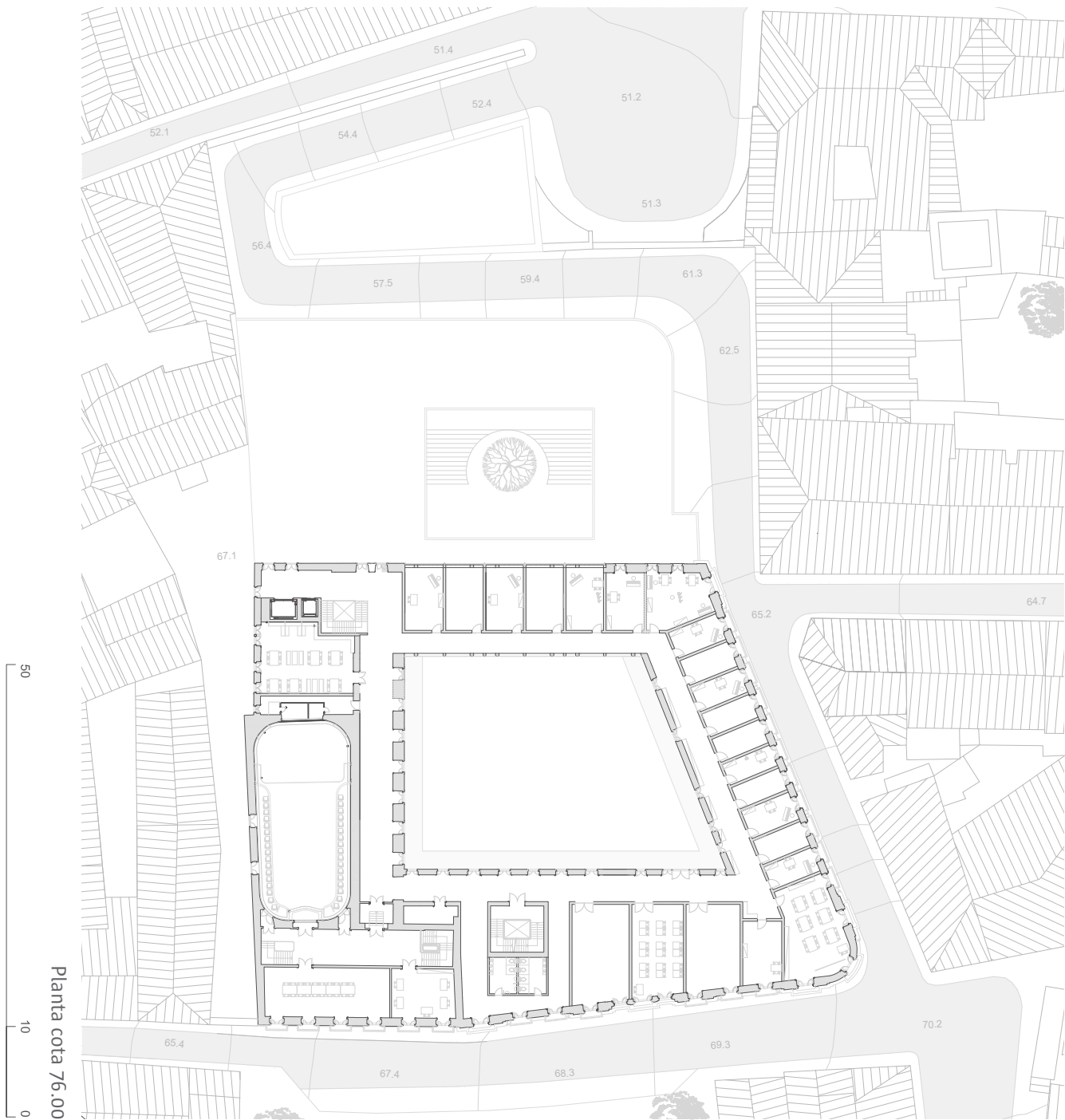
Planta cota 71.00

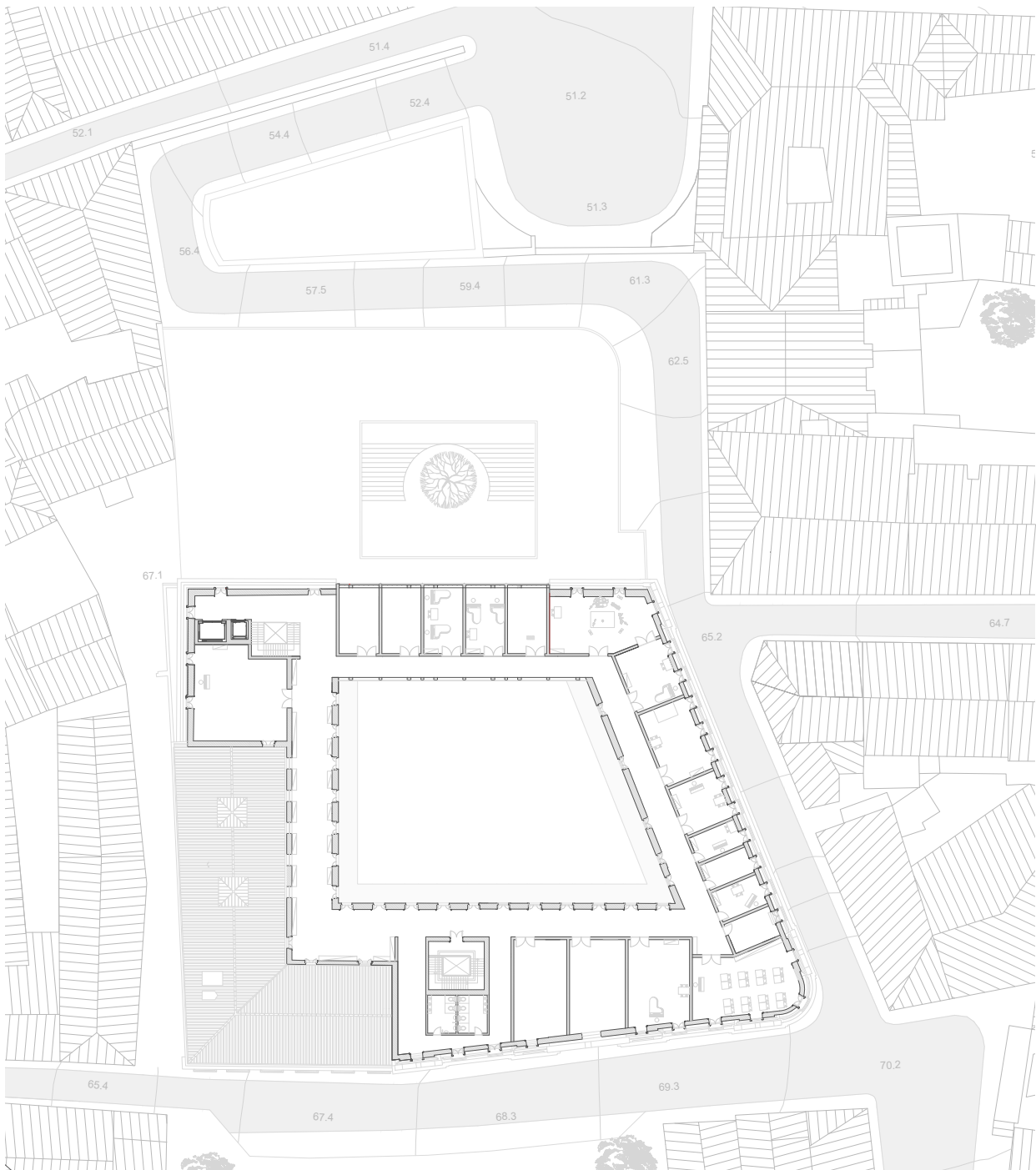
50

10

0







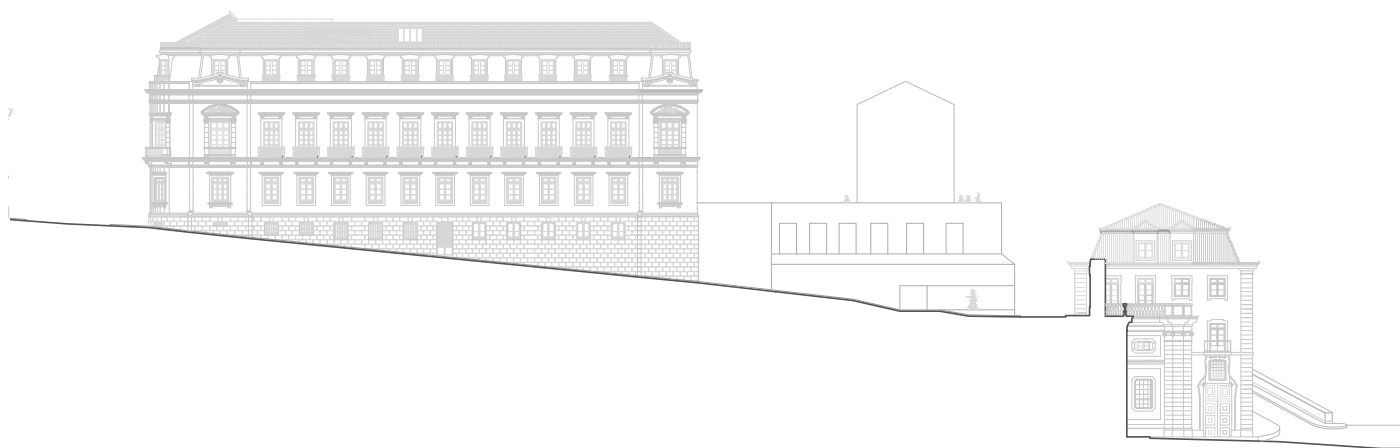
Planta cota 81.00

115



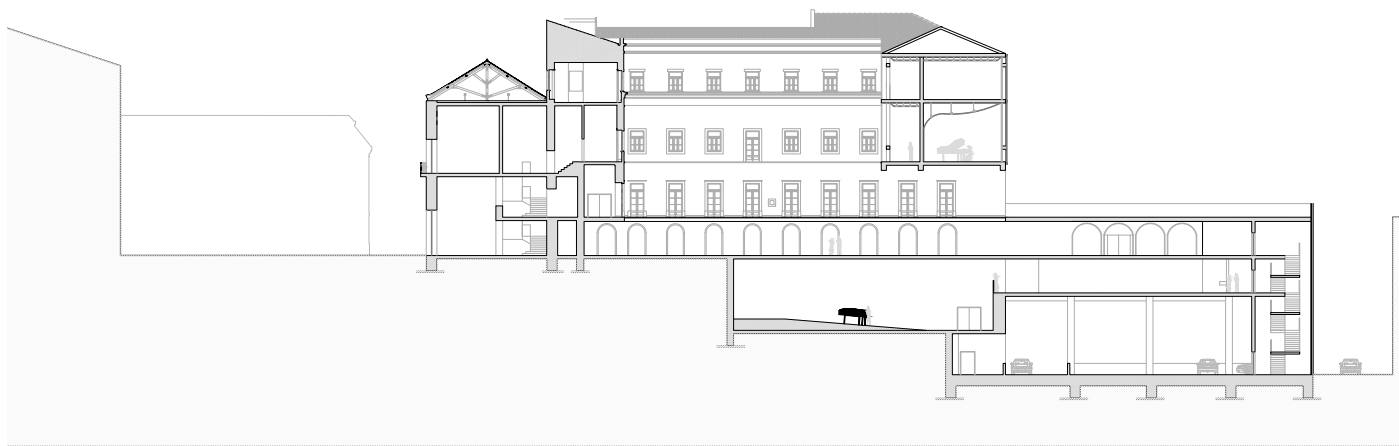
Alçado Frontal

50 10 0



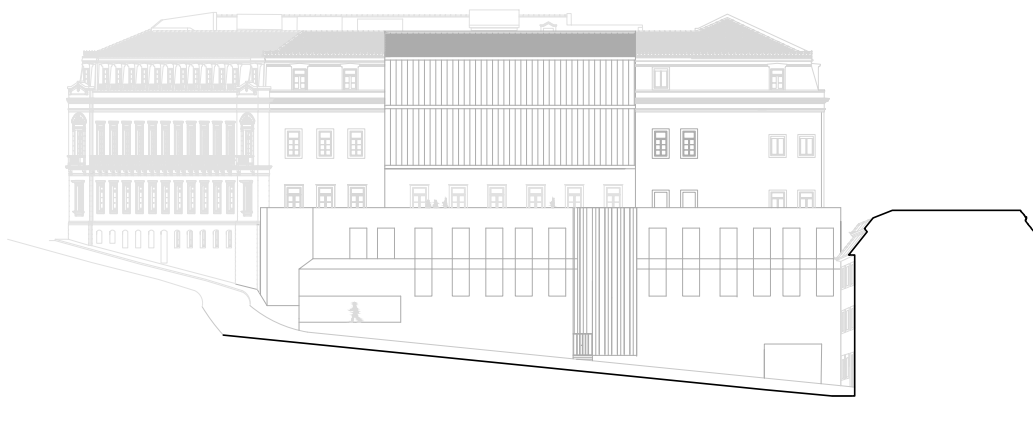
Alçado Lateral

50 10 0



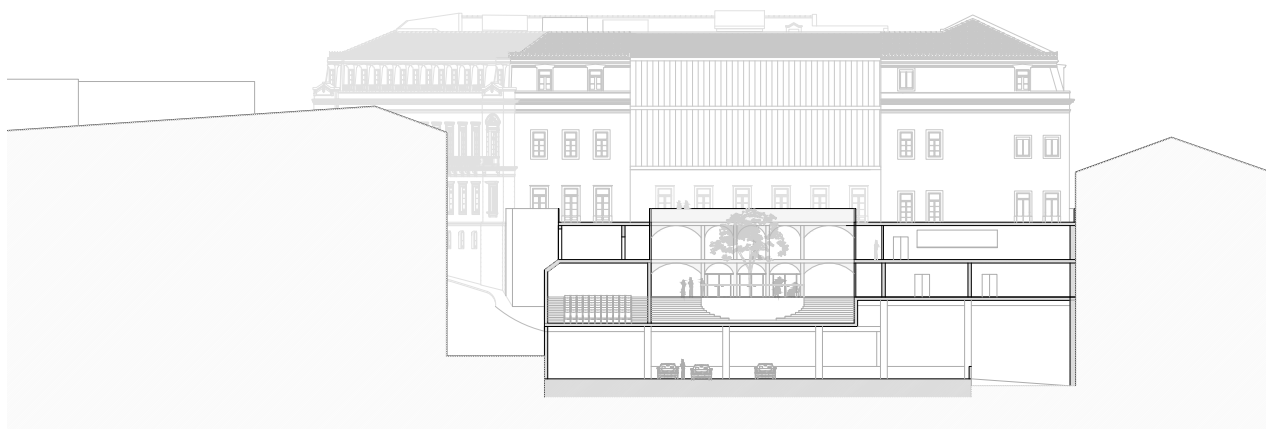
Corte B





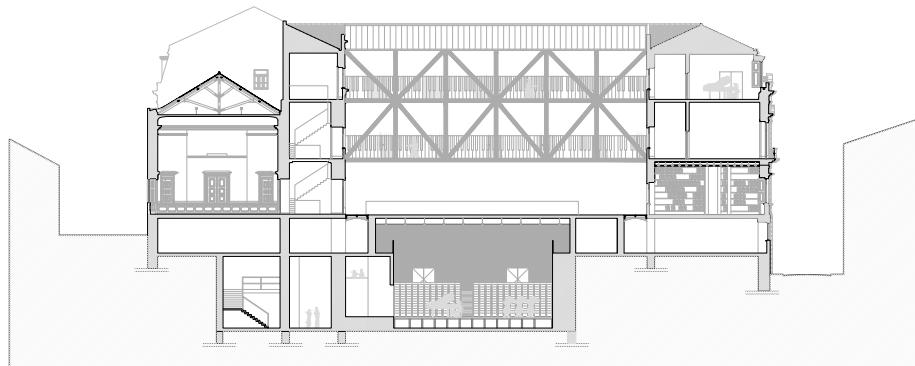
Alçado Tardoz

50 10 0



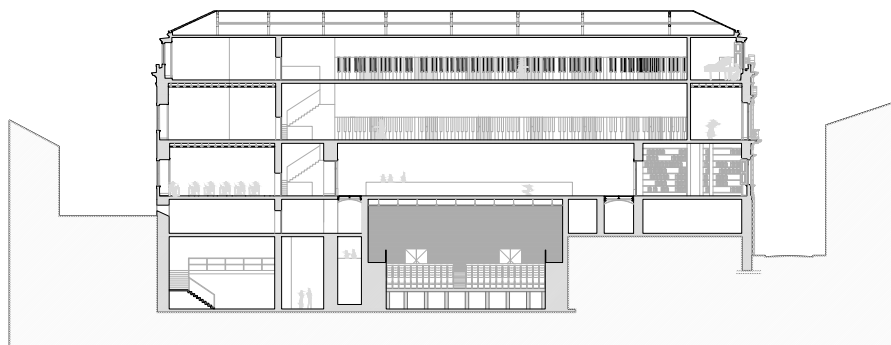
Corte C





CorteD

50 10 0



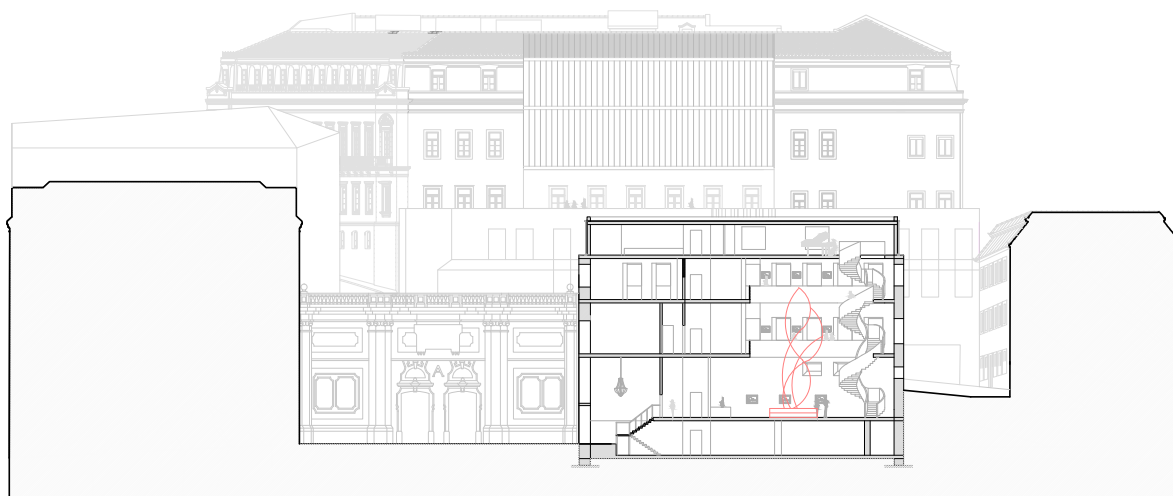
Corte E

50 10 0



Alçado Lateral

50 10 0



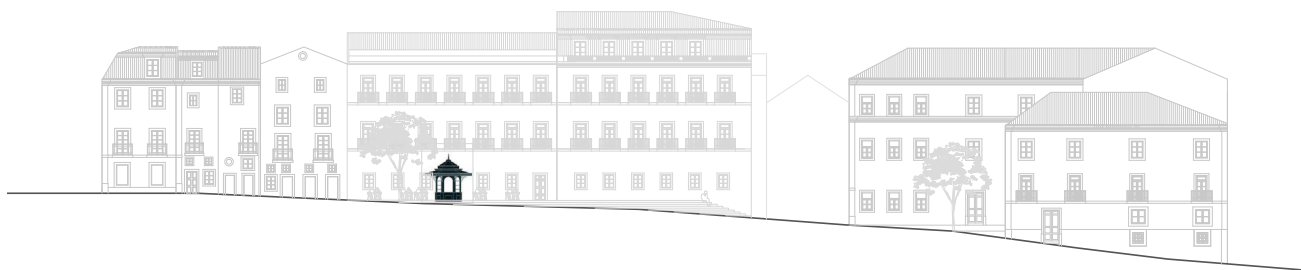
Corte F

50 10 0



Alçado Frontal





Alçado Frontal

